RESENHA DO CAPÍTULO "ANTROPOSOFIA" DO LIVRO *QUE BOBAGEM! PSEUDOCIÊNCIAS E OUTROS ABSURDOS QUE NÃO MERECEM SER LEVADOS A SÉRIO*

Valdemar W. Setzer
Prof. Titular Sênior, Depto de Ciência da Computação da USP
Membro da Academia de Ciências do Estado de São Paulo
e da Sociedade Antroposófica no Brasil
www.ime.usp.br/~vwsetzer
Original de 17/8/23. Esta versão: 20/1/24

Endereço curto deste texto:
https://bit.ly/antropQB
ou pelo *QRcode* ao lado

Ver vídeo em várias partes com comentários do autor sobre o conteúdo desta resenha, seguindo www.sab.org.br → button Vídeos → Críticas...

Índice

(Ctrl e Botão esquerdo no Windows para desviar abrindo em nova aba do navegador)

1. Prefácio
2. Introdução do capítulo
3. "Anti-Darwin"
4. "Teosofia"
5. "Antroposofia e ciência"
6. "Medicina"
7. "Biodinâmica"
8. "Ensino Waldorf"
9. "Legado"
10. Conclusões
    10.1 Resumo das críticas
    10.2 Observação geral
    10.3 Por quê?
11. Considerações finais
    11.1 Difamações na Alemanha
    11.2 Difamações no Brasil

1. Prefácio

Esta resenha comenta alguns trechos do capítulo "Antroposofia", do livro de Natalia Pasternak e Carlos Orsi *Que bobagem! Ppseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério* (São Paulo: Contexto, 2023, pp. 269 a 285). Os trechos selecionados contêm críticas à antroposofia e seu criador, Rudolf Steiner, seguidos de contestações. Outros capítulos do livro

não serão mencionados – esperamos que as pessoas e movimentos correspondentes manifestem-se apresentando seus próprios pontos de vista. De fato, veementes manifestações têm sido publicadas por parte de associações médicas, da homeopatia em particular, bem como de psicanalistas (o livro contém capítulos sobre essas áreas e 10 outras).

Assim, aqui só serão encontrados comentários às afirmações sobre a antroposofia, seu criador Rudolf Steiner (1861-1925), bem como as aplicações da antroposofia mencionadas no referido capítulo.

Trechos do livro serão citados da forma [*pp*:*nn*] onde *pp* indica a página do livro, e *nn* o número do parágrafo dentro da página *pp*. Por exemplo, [272:3] indica o 3º parágrafo da página 272. As partes do capítulo serão denominadas de *seções*, e as partes desta resenha, numeradas, de *itens*. É recomendável abrir este texto em três janelas de um navegador, uma para o texto propriamente dito, outra para a mesma página mostrando as sua notas de rodapé, e outra com a tabela-resumo do item 10.1, para se poder acompanhar facilmente todas as críticas. Além disso, é interessante não se acionarem os *links* durante a leitura, para não perder a concentração sobre o assunto – por isso não há *links* no texto propriamente dito; pode-se anotar o número da nota de rodapé para, depois da leitura, seguir o seu *link*.

Nas referências das notas de rodapé serão indicadas, quando possível, as traduções em inglês como encontradas na internet no Rudolf Steiner Archive, em lugar do original em alemão, pois a primeira língua é bem mais acessível aos lusófonos. Os autores do livro usaram apenas traduções em inglês, não tendo citado edições em português, que estão indicadas nas referências desta resenha. Nas obras de Steiner citadas nas notas de rodapé, GA (de *Gesammtausgabe*) indica o número do volume na edição completa das referidas obras.

Esta resenha está organizada como segue. No primeiro item são transcritos e comentados todos os trechos da seção (sem título) de introdução ao artigo que contêm críticas a Rudolf Steiner e à antroposofia. Em seguida é abordada cada seção do capítulo, indicando o seu título, sendo transcritos e comentados os trechos da seção que merecem reparos. A última seção conclui com um resumo das críticas e das contestações, bem como considerações adicionais, respondendo-se à pergunta "Por que os autores do livro teceram tantas críticas (em número de 42, como anotadas no resumo no item 10.1) a Steiner e à antroposofia?"

Atenção. (1) Nenhuma frase desta resenha foi produzida por um modelo generativo de linguagem. (2) Aguardo colaborações de pessoas que puderem contribuir para melhorar o presente texto. Meu endereço de *e-mail* está no topo de sua *home page*, acessível por meu nome ou pelo endereço logo abaixo do título deste texto. (3) Lin Nogueira gravou um vídeo que ficou muito bom, com meus comentários sobre esta resenha. As 8 partes do vídeo estão com *links* no *site* da Sociedade Antroposófica no Brasil, em https://www.sab.org.br/antroposofia/textos-e-vídeos/vídeos .

Lin também inseriu essas partes no youtube, sendo que cada parte desvia no fim para a seguinte. A primeira está em https://youtu.be/fRLKh99yB4w . Depois de cada vídeo há comentários de pessoas que assistiram e meus. (4) Em dezembro de 2023 a Sociedade Antroposófica no Brasil, atendendo a uma sugestão minha, publicou em seu *site* uma declaração de princípio contra qualquer tipo de discriminação, em

https://www.sab.org.br/sociedade/declaração-contra-discriminações

2. Introdução do capítulo

2.1 O capítulo começa com uma introdução sem título. Logo no seu começo, em [269:1] é afirmado que "`[...] a pediatria antroposófica é uma fonte histórica de resistência à vacinação infantil.`" Ora, o próprio Steiner, o criador da antroposofia, manifestou-se no sentido de que naquela época (1924) e circunstância se deveria vacinar contra a varíola. Como esse é um assunto que gerou polêmica nos meios antroposóficos e fora deles, vale a pena citar o que Steiner disse em uma conversa com médicos[1]:

> "Em seguida alguém pergunta: 'Se as condições são tais como, por exemplo, em nossa região, onde a influência pela educação é tão difícil, como se deve proceder?'
>
> Rudolf Steiner: 'Então é preciso vacinar. Não há outra saída. Porque eu não recomendaria de forma alguma a oposição fanática a essas coisas, não por razões médicas, mas por razões antroposóficas gerais. Não aspiramos o posicionamento fanático a essas coisas, mas queremos modificá-las mediante uma compreensão mais ampla. Sempre considerei isso como algo a ser combatido quando me encontrava com médicos amigos, como, por exemplo, com o Dr. Asch, que não vacinava de forma alguma. Sempre combati essa postura. Porque, se ele não vacina, outro o fará. É um absurdo total proceder fanaticamente em situações particulares.'" (Em tradução livre.)

A Associação Brasileira de Medicina Antroposófica (ABMA) manifestou-se explicitamente a favor das vacinas contra a Covid[2]. A Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB) também emitiu uma orientação a todas as escolas, favorável à vacinação[3] (a Pedagogia Waldorf é uma aplicação direta da antroposofia, ver o item 2.6 adiante). Essas são manifestações oficiais de entidades que representam instituições e profissionais que aplicam a antroposofia diretamente. Obviamente, cada pessoa é livre para assumir suas

---

[1] Trechos da conversa que Rudolf Steiner teve com médicos em 22/4/1924 in: *Physiologisches-Therapeutisches auf Grundlage der Geisteswissenschaft. Zur Therapie und Hygiene* [Fisiologia e terapia baseadas na ciência do espirito. Sobre a terapia e a higiene]. GA 314. Trad. dos trechos: S.A.L. Setzer. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 4ª ed. 2011. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Lectures/GA314/

[2] ABMA (Associação Brasileira de Medicina Antroposófica) Nacional. Acesso em 29/8/23: http://abmanacional.com.br/noticias/comunicado-vacinas-criancas/

[3] FEWB (Federação das Escolas Waldorf no Brasil). Acesso em 29/8/23: http://www.fewb.org.br/imagens/covid/documentos/Carta_as_escolas_Sobre_Vacinacao.pdf

próprias posições, começando pelos membros da Sociedade Antroposófica no Brasil, mas elas podem não representar de modo algum os conhecimentos e princípios de Steiner e da antroposofia. Para uma excelente introdução à antroposofia, veja-se o livro de R. Lanz *Noções básicas de antroposofia*, disponível na íntegra na internet[4].

2.2. [269:2] "Também é provável que, nesses encontros fortuitos, a antroposofia tenha sido apresentada como uma 'filosofia alternativa' ou uma 'visão holística de mundo', não como uma forma de religiosidade pseudocientífica que afirma a realidade histórica do continente perdido de Atlântida, vê problemas de saúde como efeito de predisposições inatas trazidas de encarnações anteriores como elementos úteis, quando não necessários para a limpeza do carma e o progresso entre reencarnações [...]".

A antroposofia não é simplesmente uma filosofia, pois tem inúmeras aplicações práticas, inclusive com contribuições à ciência natural e à tecnologia, como por exemplo a contribuição à cimática do antropósofo Hans Jenny[5] que resultou nos alto-falantes Lautsaenger[6]. Também não é uma filosofia por abranger inúmeras áreas do conhecimento, como a história, a antropologia, a educação, a medicina e terapias, a agricultura etc., sendo as de aplicação prática com grande sucesso. Como exemplo desse sucesso, a Pedagogia Waldorf (ver o item 2.6 adiante) está chegando a 300 escolas e jardins de infância no Brasil, país em que o número delas mais cresce no mundo (antes era a China). Quem encara a antroposofia como filosofia, na realidade não a conhece, ou o faz com pouca profundidade.

A antroposofia é mais apropriadamente denominada de cosmovisão, uma visão de mundo que abrange especialmente o ser humano. A citação do capítulo de ela ser "uma visão holística do mundo" está correta. O autor destas linhas não conhece nenhuma outra cosmovisão tão holística e tão humana.

Quanto à "religiosidade", também é algo correto, pois a antroposofia apresenta uma visão espiritualista do mundo, desde que não se a confunda com a religião. O antropósofo desenvolve uma profunda compreensão para com os seres vivos, o que o leva a ter uma atitude de veneração pela natureza e pelos seres humanos, reconhecendo que neles há algo transcendente, que não pode ser reduzido a processos e substâncias físicos. Essa veneração poderia ser considerada uma espécie de religiosidade. Nesse sentido, ela não é uma visão materialista; para esta visão, também denominada fisicalismo na filosofia, o universo e, em particular os seres vivos, são compostos exclusivamente de matéria e processos puramente físicos. Ao contrário, uma

---

[4] Lanz, R. Noções básicas de antroposofia. São Paulo: Antroposófica, 8ª ed. 2007. Disponível em (acesso em 16/8/23): https://www.sab.org.br/antroposofia/introdu%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-antroposofia/no%C3%A7%C3%B5es-b%C3%A1sicas-de-antroposofia

[5] Cymatics. Acesso em 15/8/23: https://en.wikipedia.org/wiki/Cymatics

[6] Lautsaenger. Acesso em 15/8/23: https://www.audiophil-online.com/review/headphone/lautsaenger-explorer

cosmovisão espiritualista admite, idealmente por hipótese de trabalho, que existem 'substâncias', seres e processos transcendentes ao mundo físico, isto é, que não podem ser reduzidos a fenômenos físicos – apesar de interagirem com o mundo físico. Assim, é correto associar uma religiosidade à antroposofia. Mas não se deve interpretar isso de modo algum como se ela fosse uma religião, pois não tem cultos e nem dogmas, é totalmente aberta, e não se dirige aos sentimentos, como as confissões religiosas em geral e o misticismo. Ela se dirige à compreensão sadia de qualquer pessoa. Steiner e os praticantes da antroposofia transmitem suas ideias por meio de conceitos compreensíveis – apesar de alguns destes exigirem para isso um bocado de esforço, pois requerem uma maneira diferente de pensar. O pensar comum é voltado quase que totalmente para o mundo físico, e teorias sobre ele. Para compreender a antroposofia, é necessário ampliar esse tipo de pensamento.

A antroposofia não é uma pseudociência. Para começar, ela admite como verdadeiros todos os fatos científicos. No entanto, pode contradizer alguns julgamentos científicos, como a idade da Terra, que é fruto de uma teoria, não sendo um fato científico. Essa datação é baseada no decaimento radioativo atual do urânio, admitindo-se que ele sempre teve o mesmo decaimento nos materiais – no entanto, a datação pelo carbono 14 gerou controvérsias para a antiga época histórica egípcia. A antroposofia deve ser considerada uma ampliação da ciência natural corrente, tendo com esta vários pontos em comum como, por exemplo, aceitar todos os fatos científicos, ser coerente, ser transmitida por conceitos e ter aplicações práticas de sucesso.

A frase "afirma a realidade histórica do continente perdido de Atlântida" não é bem formulada, mas tem algo de verdadeiro. Em primeiro lugar, realmente a antroposofia fala e descreve a Atlântida e os seres humanos que lá viviam. Isso não contradiz nenhum conhecimento científico ou histórico. Buscando vestígios da Atlântida não se os acha pois naquela época não se construíam edifícios e o ser humano não tinha a constituição tão sólida quanto adquiriu posteriormente, não deixando fósseis. A existência da Atlântida é um velho conhecimento da humanidade. Platão (427-348 a.C.) fala dela em seus diálogos *Timeu* e *Crítia*, Francis Bacon (1561-1626) em *New Atlantis* e Thomas More (1478-1535) em *Utopia*. Segundo a antroposofia, mitos do dilúvio, que ocorrem em vários povos, inclusive no Velho Testamento (Gen 7:3), referem-se ao desaparecimento da Atlântida. A ciência corrente não tem até hoje absolutamente nada a dizer sobre ela, inclusive sobre sua existência ou inexistência, e deveria calar-se sobre o assunto, sob pena de fazer especulações vazias. As descrições de Steiner, inclusive sobre as emigrações da Atlântida, formam um todo coerente com o desenvolvimento anterior e posterior da humanidade.

O trecho citado menciona "encarnações anteriores" (de cada ser humano). De fato, a antroposofia admite a existência de um membro da constituição humana suprassensorial, portanto não física, que Steiner denominou de Eu – nesta resenha sempre escrito com inicial maiúscula para distingui-lo do

pronome 'eu'. Ele chamou a atenção para o profundo significado desse pronome substantivado, pois uma pessoa pode designar outras pessoas pelos outros pronomes, e coisas fora de si usando outros substantivos. Mas ao dizer "Eu" ela só pode se referir a si própria e a nada mais, indicando muito mais do que seu corpo, seu temperamento, seus gostos, sua memória e sua biografia.

2.3 Aqui vale a pena alongar algo sobre esse Eu, que também pode ser denominado de 'espírito', presente em todos os seres humanos, mas não nos animais e nas plantas, que têm outros membros suprassensoriais que, de maneira modificada, também estão presentes nos seres humanos, por exemplo um que lhes dá sua vida. Esta última é uma grande incógnita para a ciência corrente – pudera, a vida não é proveniente apenas do corpo físico, que é o que os minerais têm, e nada mais, por isso não têm vida.

Absolutamente fundamental a respeito do Eu, o mais elevado membro do ser humano (há outros três também não físicos, mais elevados, mas que estão hoje em dia ainda em forma incipiente, e serão desenvolvidos em futuro ainda muito distante), é o fato de ele não ter sexo, nem preferência de gênero, nem raça ou etnia, nem nacionalidade, nem religião, nem preferência política. Ele é o que se poderia denominar de 'divino' no ser humano, e que este tem em comum com os mundos espirituais. Para uma introdução à constituição humana do ponto de vista da antroposofia, veja-se o livro de Rudolf Lanz *Noções básicas de antroposofia*[7], e também na internet um texto do autor desta resenha[8].

É devido ao Eu que o ser humano tem enormes diferenças em relação aos animais, onde o Eu não está presente. Por exemplo, é devido a ele que temos uma posição ereta possibilitada pela coluna em duplo S (não existente nos animais), bipedalismo, autoconsciência (que os animais não têm; estes têm certo nível de consciência), a fala, sentimentos elevados como o estético e, o pináculo da evolução, o pensamento e o livre-arbítrio (que não pode advir da matéria, pois esta segue inexoravelmente as 'leis' e condições físicas).

Pois bem, de acordo com a antroposofia, esse Eu suprassensorial não desaparece depois da morte, continua existindo no mundo espiritual, e depois de muito tempo acaba se encarnando novamente. É interessante notar que a doutrina da existência de uma reencarnação acompanhou a humanidade desde tempos imemoriais. Por exemplo, o hinduísmo sempre a admitiu, e o grande Buda (sécs. VI ou V a.C.) falou sobre ela. Mas o conceito de reencarnação teve que desaparecer na humanidade, ou mesmo degenerar (como por exemplo na metempsicose, a reencarnação em animais, adotada em algumas correntes espiritualistas), pois o ser humano devia passar por uma fase materialista, o que está ocorrendo; essa fase é necessária para a aquisição do livre arbítrio. Ora, a reencarnação não tem nenhum sentido do

[7] Ver nota de rodapé 4.

[8] Setzer, V.W. "Uma introdução antroposófica à constituição humana." Acesso em 16/8/23: www.ime.usp.br/~vwsetzer/const1.htm

ponto de vista físico, material e, se seu conhecimento fosse mantido, o ser humano não teria desenvolvido o materialismo. É em sua presença na matéria que o ser humano pode errar – não erra enquanto dorme, e nem depois da morte –, daí o livre arbítrio, e a necessidade de ter havido a queda na matéria (representada na Gênese bíblica pela magnífica imagem da "queda do Paraíso"). Mas, modernamente, não foi Steiner o primeiro a falar extensamente de reencarnação – no caso dele, com muitos exemplos. Do ponto de vista de falar abertamente sobre isso, com um grande impacto, houve um precursor, Alan Kardec (1804-1869), no meio do séc. XIX. Mas Kardec, ao contrário de Steiner, não caracterizou bem o que se reencarnava no ser humano. A constituição humana suprassensorial ainda não é clara em Kardec, ao contrário de Steiner, que escreveu e deu muitas palestras sobre ela. Essa concepção da constituição suprassensorial e seu desenvolvimento conforme as idades de crianças e jovens é que gerou várias aplicações, como a Pedagogia Waldorf[9].

É interessante que várias religiões admitem que no ser humano existe algo não físico, que denominam em geral de 'alma', mas que na antroposofia é bem diferente do espírito[10,11,12]. No entanto, para que o ser humano caísse profundamente na matéria e adquirisse livre arbítrio, foi necessário que essas religiões negassem a reencarnação, pois esta não faz sentido de um ponto de vista material. Assim, em lugar de as religiões religarem os seres humanos ao mundo espiritual, fizeram precisamente o contrário. Curiosamente, do ponto de vista de religiões cristãs, a reencarnação que, em geral, não é admitida por elas, aparece explicitamente no Evangelho de Mateus, em 17:12-13, quando o Cristo Jesus diz que o profeta Elias tinha voltado, e os discípulos entenderam que ele se referia a João Batista.

Como em outras áreas que abordam o aspecto suprassensível, a ciência corrente e os materialistas nada podem dizer sobre a reencarnação pois, como foi dito, ela não faz sentido físico. Portanto, deveriam respeitar a história da humanidade e as pessoas que partem (idealmente) da hipótese de trabalho da existência de um espírito no ser humano, que se reencarna.

A grande missão da humanidade é o desenvolvimento moral do Eu em cada ser humano. Esse desenvolvimento envolve a aquisição cada vez maior do livre arbítrio e, a partir dele, do amor altruísta. No entanto, em uma vida ocorrem vários acontecimentos que não significam esse desenvolvimento, ao contrário, podem ser um retrocesso moral, por exemplo, quando se faz um

---

[9] Lanz, R. A Pedagogia Waldorf – caminho para um ensino mais humano. Com um apêndice do autor desta resenha, sobre meios eletrônicos e educação. São Paulo: Antroposófica, 13ª ed. 2019

[10] Ver notas 4 e 8.

[11] Steiner, R. *Teosofia – introdução ao conhecimento suprassensível do homem e do destino humano*. GA 9. Trad. D.B. de Brito e J. Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 7ª ed. 2004. Em inglês (acesso em 28/8.23): https://rsarchive.org/Books/GA009/

[12] Steiner, R. *A ciência oculta – esboço de uma cosmovisão suprassensorial*. GA 13. Trad. J. Cardoso e R. Lanz. São Paulo: Antroposófica, 6ª ed. 2006. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Books/GA013/

mal para alguma pessoa adulta, como seria o caso de influenciá-la, indo contra sua liberdade interior ou exterior.

Para Steiner, a reencarnação é uma oportunidade para que os males causados sejam compensados em uma vida posterior com ações morais, e que o Eu tenha experiências variadas ao longo das encarnações. Por exemplo, segundo Steiner, e ele deu vários exemplos históricos disso, a tendência mais comum é uma pessoa encarnada como homem em uma encarnação voltar em outra como mulher e vice-versa, pois as vivências são bem diferentes – o que, por sinal, elimina qualquer consideração de sexismo ou machismo por parte de Steiner (não ocorrida no capítulo). Não há sentido em falar em supremacia de uma raça ou etnia pois em uma outra encarnação o mesmo Eu poderá retornar em outro povo, região e época, para ter novas experiências. Ao contrário de várias correntes espiritualistas, para a antroposofia a reencarnação não é uma expiação, é uma oportunidade de evolução. O mundo seria muito cruel se não houvesse essa oportunidade. Nesse sentido, a frase do capítulo em [270:1] "limpeza do carma" não faz sentido, e provavelmente jamais foi usada por Steiner. Não se trata de "limpar" o carma, mas do desenvolvimento do Eu de cada pessoa.

2.4 O capítulo diz que essa "limpeza do carma" é "uma das fontes de desconfiança em relação às vacinas". Não, a desconfiança em relação às vacinas deve-se ao fato de que elas atuam sobre o organismo de uma maneira artificial, e isso pode causar problemas mais tarde, por exemplo no sistema imunológico e ou na psique. Seria necessário aguardar esse 'mais tarde' para se ter certeza de que os efeitos negativos de uma vacina não são sérios, se bem que o ser humano está tão desnaturado e está tão sujeito à poluição e a ambientes psicologicamente perniciosos, que será difícil determinar uma causa especial não imediata para um problema de saúde física ou mental.

2.5 [270:2] O capítulo fala de "versões editadas para o consumo público". Isso não é assim. Toda a obra escrita e as transcrições das milhares de palestras de Steiner, perfazendo 350 volumes, foram editadas e estão sendo aperfeiçoadas não com a intenção de torná-las adequadas a algum ponto de vista ou para serem palatáveis ao público, mas para serem o mais fiéis possíveis à palavra de Steiner. Uma alteração proposital de suas palavras iria totalmente contra a moral antroposófica. As palestras foram publicadas a partir de anotações estenografadas, quase todas em edições sem revisão do autor. Na edição original dessas palestras, têm sido feitas comparações de notas estenográficas com anotações dos participantes, sempre tentando reproduzir o mais fielmente possível a palavra de Steiner, e tentando dirimir expressões conflitantes ou dúbias. Obviamente, é impossível garantir que ele tenha afirmado exatamente o que se encontra numa transcrição, de modo que é necessário cuidado ao se criticar algo que ele tenha dito e não tenha escrito. Além disso, não se deve confundir a obra original, em alemão, com as traduções, pois um tradutor interpreta e escolhe trechos como quer;

tradutores não são necessariamente antropósofos imbuídos do espírito de honestidade e fidelidade da antroposofia.

2.6 [270:2] "Steiner costuma ser apresentado como 'filósofo' ou 'educador', não como líder messiânico, ocultista, pseudocientista e defensor da supremacia branca." Se os autores do livro tivessem lido algumas das primeiras obras de Steiner, como por exemplo *A obra científica de Goethe*[13] e *A filosofia da liberdade*[14] (na internet estão disponíveis excelentes palestras de João Torunsky sobre esse livro[15]), eles não o teriam ridicularizado (pelo uso das aspas, aqui, apóstrofes). Aliás, até o fim do séc. XIX ele era justamente considerado nos círculos intelectuais alemães um jovem filósofo muito promissor. Por exemplo, ele tinha uma extensa correspondência com ninguém menos do que Ernst Haeckel (1834-1919), interrompida por este último quando Steiner começou a dar palestras sobre assuntos esotéricos, no início do séc. XX. O materialismo de Haeckel simplesmente não o deixou aberto a um espiritualismo.

Considerar Rudolf Steiner como 'educador' é absolutamente correto. Provavelmente a Pedagogia Waldorf é o maior movimento educacional mundial independente, e suas bases e primeira experiência, na 'escola-mãe' de Stuttgart, foram instituídos por ele em 1919 a pedido dos operários da fábrica Waldorf-Astoria. Ele estabeleceu não só um currículo básico muito diferente do que o usual, apesar de bem mais extenso e abrangente, e deu durante vários anos inúmeras indicações pedagógicas para os primeiros professores, com muitos detalhes e orientações. Para uma excelente introdução à Pedagogia Waldorf, veja-se o livro de R. Lanz *A Pedagogia Waldorf – caminho para um ensino mais humano* (atenção para o "mais humano", tipicamente antroposófico), com um apêndice do autor desta resenha sobre meios eletrônicos na educação[16].

A afirmação de que Steiner era um líder "messiânico" simplesmente não combina com a sua vida e obra. Por exemplo, ele afirmou que não havia mais lugar para um líder do tipo 'guru', que é seguido cegamente pelos seus discípulos, o que fere a liberdade deles. Repetidamente ele afirmou que não se deveria acreditar em suas revelações, devendo-se procurar vivenciá-las e comprová-las pessoalmente, e que era mais importante compreender o mundo espiritual do que o observar, como ele foi capaz de fazer em plena consciência, o que fica claro pela sua obra. Em uma de suas obras esotéricas

---

[13] Steiner, R. *A obra científica de Goethe*. GA 1. Trad. R. Lanz. São Paulo: Antroposófica, 2ª ed. 2005. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Books/GA001/

[14] Steiner, R. *A filosofia da liberdade – fundamentos para uma filosofia moderna*. GA 4. Trad. J.F. Torunskyi e R.Y. Santos. São Paulo: Antroposófica, 2022. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Books/GA004/

[15] Torunsky, J. Palestras sobre o livro *A filosofia da* liberdade. Acesso em (28/3/23) https://www.fidali.net.br.

[16] Lanz, R. *A Pedagogia Waldorf – caminho para um ensino mais humano*. Com um apêndice de V.W. Setzer sobre meios eletrônicos e educação. São Paulo: Antroposófica, 13ª ed. 2019.

básicas, *A ciência oculta*, ele afirmou no prefácio à quarta edição alemã de 1913 (presente na tradução em português, na edição de 1998, p. 16[17]):

> "[...] Embora o livro se ocupe com pesquisas não verificáveis pelo intelecto ligado ao mundo sensório, nada se expõe que não possa ser comprovado pela razão imparcial e pelo sentido sadio da verdade de qualquer pessoa disposta a fazer uso de tais faculdades. Este autor afirma sem rodeios: ele prefere sobretudo leitores que não aceitem o presente conteúdo com uma fé cega, e sim que se esforcem para comprová-lo valendo-se dos conhecimentos da própria alma e das experiências da própria vida."

Em seu livro *A filosofia da liberdade* , ele escreveu[18]:

> "Quando o ser humano não faz simplesmente da ordem de uma autoridade exterior ou interior o motivo de sua ação, esforçando-se por compreender a causa pela qual alguma norma de comportamento deve atuar nele como motivo, ocorre um progresso moral. Esse progresso é o passo da moral autoritária para o agir motivado por compreensão moral.".

Note-se que durante toda sua vida Steiner dava importância fundamental a esse livro, isto é, nada do que ele transmitiu posteriormente mudava o que ele tinha escrito nele (inclusive, a última edição revista por ele foi de 1918). Um "líder messiânico" iria escrever essas coisas?

Quanto ao fato de ele ser um ocultista, isso está correto, mas deve-se entender o que significava o 'oculto' para Steiner. No prefácio à vigésima edição alemã de 1925 (presente na edição em português[19]) de um de seus livros esotéricos básicos, *A ciência oculta*, ele escreveu:

> "O fato de eu ter dado ao meu livro o título de *A ciência oculta* suscitou imediatamente mal-entendidos. Segundo a objeção de alguns, algo que pretende ser 'ciência' não pode ser 'oculto'. O quanto essa objeção foi pouco ponderada! Como se quem *publica* um conteúdo quisesse fazê-lo mantendo-o 'oculto'...! O livro todo mostra que a nada se denomina 'oculto' – ao contrário teve de ser apresentado de uma forma a tornar-se tão compreensível quanto qualquer 'ciência'. Ou será que, ao se usar a expressão se usa a palavra 'ciência natural', não se quer indicar que se que se trata de um saber sobre a natureza? A ciência oculta é a ciência daquilo que ocorre 'secretamente', na medida em que não é percebido lá fora, na natureza, e sim região para onde a alma se orienta ao dirigir seu íntimo ao espírito.
>
> 'Ciência oculta' é a antítese da 'ciência natural'." (p. 28 da 4ª edição brasileira de 1998. "Prefácio à décima sexta edição").

---

[17] Ver nota 12.
[18] Ver nota 14, p. 139.
[19] Ver nota 12.

Note-se que um título melhor para o livro seria 'A ciência do oculto', e que o sentido deve ser o de fenômenos que não são físicos, isto é, ocultos aos sentidos físicos e à detecção por aparelhos físicos. Ninguém devia estranhar isso, pois o ser humano tem vários fenômenos ocultos. Aqui será citado apenas um: a sensação. Como exemplo, ao se comer um caqui sente-se a sensação do gosto, do sabor do caqui. Essa sensação é absolutamente subjetiva e individual, pois é impossível que outra pessoa sinta o gosto que a primeira está sentindo. Tente-se descrever o gosto de um caqui para alguém que jamais comeu um: isso é impossível. Portanto, essa sensação e todas as outras (como a de dor, do medo, do frio, ou a sutil sensação de uma cor) são, portanto, ocultas. É importante se saber que a ciência corrente não tem a mínima ideia de como se tem uma sensação. Portanto, pode-se afirmar, sem contradizer a ciência, que as sensações são 'ocultas'. Para a antroposofia, elas são fenômenos suprassensoriais, são reações anímicas (da alma). A diferença em Steiner foi de ele ter sido capaz de observar e descrever conceitualmente o que se passa na alma. Usando-se o sinônimo 'conhecimento' para 'ciência' (como em "dê-se ciência a fulano"), a expressão 'ciência do oculto' é adequada, pois Steiner forneceu o conhecimento de muitos fenômenos anímicos e espirituais, bem como a compreensão deles.

A afirmação de Steiner ser um "pseudocientista" também não tem cabimento. A antroposofia é uma ampliação da ciência natural, isto é, aceita tudo o que essa última apresenta de fatos científicos. Steiner chamou a antroposofia de 'ciência do espírito' (tradução literal do alemão *Geisteswissenschaft*, pois *Geistes* é um genitivo, 'do espírito', e *Wissenschaft* é 'ciência'; a tradução usual 'ciência espiritual' não é adequada) pois ele fez observações objetivas dos fenômenos suprassensoriais, tanto nos seres vivos quanto no mundo. Como na ciência corrente, ele descreveu suas observações por meio de conceitos. Como o mundo físico é uma representação do mundo espiritual, ações neste último podem refletir-se no mundo físico. Por exemplo, o sono é um fenômeno espiritual; sua origem não tem explicação física. Idem para a memória, a consciência (considerada um fenômeno 'difícil' – *hard* – pela ciência corrente) etc.

Note-se que uma lesão em uma área do cérebro pode impedir uma pessoa de ter alguma atividade mental, mas isso não significa em absoluto que aquela área gera essa atividade. O máximo que se deveria afirmar cientificamente é que aquela área *participa* dessa atividade. Portanto, explicar uma atividade mental como algo que não é físico, mas que provoca uma reação física detectável no cérebro, não contradiz em absoluto o conhecimento científico. Levante-se um braço. Por que ele levantou? Talvez uma área A do cérebro enviou impulsos elétricos para os músculos, alguns se contraíram e outros se expandiram. Mas por que a área A enviou esses impulsos? Talvez tenha recebido impulsos de outra área B do cérebro, que recebeu impulsos de uma área C e assim por diante, até se chegar num beco sem saída ou numa circularidade. Se forem seguidas as causas físicas de qualquer fenômeno interno de um ser vivo, e as causas dessas causas etc.,

sempre se chega a algo fisicamente inexplicável. Nesse ponto, cabe uma explicação que não é física.

2.7 Finalmente, ainda em [270:2], algumas palavras sobre a tal "`supremacia branca`" de Steiner. Essa afirmação não tem cabimento. Steiner afirmou repetidamente que o conceito de raça não fazia mais sentido já na época dele, e que o aspecto físico não deveria ser usado para se avaliar uma pessoa. No resumo feito pelo autor desta resenha sobre um dos livros básicos escritos por Steiner *Como se adquirem conhecimentos dos mundos superiores*[20], no capítulo "Considerações de ordem prática" está, explicitamente "Não discriminar pessoas por raça, classe, etnia, religião, nacionalidade."[21]; aliás, examine-se esse livro para se ter uma ideia da moral de Steiner e o que ele esperava do desenvolvimento moral das pessoas.

O desenvolvimento da humanidade moderna começou e se expandiu a partir do séc. XV na Europa, onde até tempos relativamente recentes quase só existiam pessoas de etnia caucasiana ('brancas'). Note-se como foi o desenvolvimento moderno de outras regiões do mundo: todas o fizeram ao adotar a cultura europeia, desconsiderando toda a tragédia provocada por ela na colonização, pois esse desenvolvimento foi primordialmente do intelecto, e não dos sentimentos.

Steiner traçou o desenvolvimento da humanidade em épocas culturais, que tiveram centros em certas regiões da Terra, começando depois de emigração da Atlântida com uma na antiga Índia pré-histórica, seguida de uma época também pré-histórica da Pérsia antiga (onde começou a agricultura e a pecuária), depois uma época egípcia-caldaica-babilônica, depois uma época greco-romana para, finalmente estarmos desde o começo do séc. XV em uma época cujo epicentro é a Europa Central. Tudo isso não tem absolutamente nada a ver com as raças ou etnias, muito menos com supremacia de uma sobre a outra. Trata-se de centros geográficos de onde irradiou o desenvolvimento cultural da humanidade da época correspondente. Aliás se, como foi visto no item 2.3 acima, o Eu, que é o membro suprassensorial mais elevado do ser humano atual, não tem raça, como pode a raça ou etnia ter importância hoje em dia? Ainda mais, considerando a reencarnação, uma pessoa pode encarnar-se em um povo e posteriormente encarnar-se em outro, para diversificar suas experiências e oportunidades de desenvolvimento.

Note-se que nesses parágrafos que acabaram de ser comentados, há afirmações sem nenhuma referência precisa. Às vezes há citação de um livro, até mesmo de uma palestra de Steiner (a propósito, não há citação das inúmeras obras que já foram traduzidas para o português), mas sem a citação

---

[20] Steiner, R. *Como se adquirem conhecimentos dos mundos superiores*. GA 10. Trad. J. Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 4ª ed. 2023.

[21] Setzer, V.W. "Disposições e atitudes anímicas recomendadas por Rudolf em seu livro *Como se adquirem conhecimentos dos mundos superiores – a Iniciação*", item 76. Acesso em 17/8/23: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antrop/artigo-disposicoes-animicas.pdf

literal. Com isso, é difícil, senão impossível, confirmar a referência usada, ao contrário do que está sendo feito nesta resenha.

2.8 [270:2] "[...] o grau de evolução espiritual do indivíduo se reflete na cor da pele (quanto mais clara, melhor; negros e ameríndios, por exemplo, seriam formas degeneradas)." Essa afirmação choca-se totalmente contra a posição de Steiner de que as raças não faziam mais sentido no mundo de sua época – e muito menos hoje em dia, como se pode ver no recente movimento pelos direitos humanos, desconsiderando-se qualquer característica ou deficiência físicas. Como citado acima, a cultura contemporânea (corretamente chamada de 'cultura ocidental') é devida ao seu aparecimento na Europa, e não na América, na África ou no Oriente. Em outras regiões, além da Europa, tinha havido uma estagnação até alguns séculos atrás, como fica patente pela história da arte. O desenvolvimento recente deu-se nos moldes da cultura ocidental. Mas isso não foi devido a uma supremacia de alguma raça ou etnia, e sim, simplesmente porque o desenvolvimento cultural foi se deslocando, aparecendo em diferentes regiões, cada região em uma época. Já houve uma época não da supremacia de uma raça, mas do desenvolvimento cultural de uma determinada região, por exemplo o que Steiner denominou de período egípcio-caldaico-babilônico, claramente semítico.

No seu livro *A filosofia da liberdade*, Steiner declara explicitamente que o mais importante que determina uma pessoa não é sua característica física, que ele tem em comum com sua espécie e sua comunidade. Vale a pena transcrever um bom trecho do cap. XIV "Individualidade e espécie" (serão mantidas as numerações de parágrafos introduzidas na edição já citada[22]):

> "1 À opinião de que o ser humano está predisposto a ser uma individualidade livre, totalmente fechada em si, opõem-se aparentemente os fatos de ele aparecer como membro de um todo natural (raça, etnia, povo, família, gênero masculino e feminino), e de que ele atua dentro de um todo (Estado, Igreja e assim por diante). Ele é portador das características gerais da comunidade à qual pertence, e confere um conteúdo ao seu agir, determinado pela posição que ocupa dentro de uma maioria.
>
> 3 [...] As características do indivíduo, bem como a maneira como ele atua, são condicionadas pelo caráter da etnia. Portanto, a fisionomia e o agir de cada um adquire algo típico da espécie. Quando indagamos o motivo de isto ou aquilo numa pessoa ser de um modo ou de outro, somos levados do ser individual à espécie. Esta nos explica por que algo na pessoa se apresenta na forma que observamos.
>
> 4 Contudo, o ser humano se liberta desse aspecto característico da espécie; pois a característica da espécie humana, quando vivenciada corretamente pela pessoa, em nada restringe sua liberdade e nem deve

[22] Ver nota 14, p. 205.

fazê-lo por meio de disposições artificiais. O ser humano desenvolve em si atributos e funções cujo motivo determinante nós só podemos procurar nele mesmo. Neste sentido, a característica da espécie serve-lhe apenas como meio para expressar sua entidade particular. Ele usa como base as peculiaridades que lhe são dadas pela natureza, dando-lhes a forma adequada ao seu próprio ser. Ora, é em vão que nós procuramos nas leis da espécie o motivo para a expressão desse ser. Estamos lidando com um indivíduo que só pode ser explicado por si mesmo. Se uma pessoa atingiu essa libertação da característica da espécie e, ainda assim, queremos explicar tudo o que há nela como sendo proveniente do caráter da espécie, falta-nos um órgão para a percepção da individualidade.

5 É impossível compreender plenamente um ser humano baseando o julgamento num conceito de espécie. [...] [Em seguida Steiner dá como exemplo o caso das mulheres.] Se for verdade que as mulheres servem apenas para a profissão que lhes é atribuída no momento, dificilmente elas conseguirão uma outra por si próprias. Contudo, elas mesmas têm de decidir o que está de acordo com sua natureza. A quem teme que nossas condições sociais sofram um abalo pelo fato de as mulheres não serem consideradas pessoas genéricas, mas indivíduos, deve-se retrucar que as condições sociais em que metade da humanidade tem uma existência indigna necessitam de muita melhoria. [O livro foi publicado em 1894 e foi revisto pelo autor em 1918.]

6 Quem julga os seres humanos segundo caracteres da espécie, chega apenas até o limite além do qual eles começam a se tornar seres cuja atividade se baseia na livre autodeterminação. O que reside aquém desse limite pode ser, naturalmente, objeto de observação científica. As peculiaridades de raça, etnia, povo e gênero constituem o conteúdo de ciências específicas. Somente pessoas que quisessem viver unicamente como exemplares da espécie poderiam corresponder a uma imagem genérica, resultante de tal observação científica. Todavia, nenhuma dessas ciências consegue avançar até o conteúdo específico do indivíduo em particular. Onde começa o âmbito da liberdade (do pensar e do agir), cessa a determinação do indivíduo segundo as leis da espécie."

Note-se que o exemplo das mulheres aplica-se perfeitamente a outras características, como as provenientes da etnia, ou seja, considerações raciais. Steiner dava absoluta importância à liberdade individual pois, segundo ele, o seu desenvolvimento era uma das missões mais importantes da humanidade. Note-se ainda que Steiner considerou o seu livro *A filosofia da liberdade* como sua mais importante obra, e na edição revista de 1918 apenas colocou apêndices esclarecendo pontos que foram levantados depois da publicação da primeira edição de 1894.

A revista eletrônica de inspiração antroposófica *Southern Cross Review* (que já publicou artigos do autor desta resenha), editada por Frank Thomas Smith,

traz uma interessante lista de citações de Steiner contra racismo e discriminação racial[23].

É importante salientar que a Sociedade Antroposófica Geral produziu um longo documento rebatendo as acusações de racismo contra Steiner[24]. Além disso, o documento *Fankfurter Memorandum* contém uma detalhada análise dessas acusações e um resumo do relatório holandês a ser mencionado no item 9.9 adiante[25].

Como já citado no fim do item 1 acima, a Sociedade Antroposófica no Brasil, por minha sugestão, publicou uma declaração de princípio contra qualquer tipo de discriminação, o que enfatiza o enfoque da antroposofia quanto a essa questão e o racismo em particular:

https://www.sab.org.br/sociedade/declaração-contra-discriminações

2.9 [270:2] "Esses autores, [...] preferem minimizar, ou mesmo omitir a afinidade de Steiner com a mitologia racial abraçada pelo nazismo, um ponto que só voltou a ser alvo de investigação em tempos recentes." Não há em absoluto nenhuma "afinidade" de Steiner com a tal "mitologia racial abraçada pelo nazismo" que nem foi inspirada nele, pois ele era totalmente contra considerações raciais. Muito pelo contrário, por exemplo, as escolas Waldorf foram fechadas pelo nazismo pois elas pretendiam formar indivíduos livres. A Sociedade Antroposófica na Alemanha também foi fechada. A organização social introduzida por Steiner preconizava a independência dos setores jurídico-políticos, produtivo e da criatividade[26]. Isso se chocava frontalmente com o totalitarismo nazista. Em particular, o setor social que envolve a criatividade e as pessoas nele atuantes, (como um artista, cientista, professor em sua classe etc.), devia ter como princípio básico a total liberdade do criador, o que não combinava de modo algum com aquele totalitarismo. Aliás, por suas ideias liberais, Steiner sofreu um atentado de extremistas de direita, adeptos do nascente nazismo, na cidade de München em 1922[27]. O próprio Hitler (1889-1945) manifestou-se em 1921

---

[23] Steiner, R. "Some of Rudolf Steiner's statements concerning race" [Algumas das declarações de Rudolf Steiner a respeito de raça]. Contém referências aos GAs e datas das palestras. *In Southern Cross Review*. Acesso em 27/8/23: https://southerncrossreview.org/steiner-race.htm

[24] Selg, P., C. Kaliks, J. Wittich e G. Häfner. A antroposofia e o racismo – uma contribuição da diretoria do Goetheanum. Trad. V.W. Setzer. Dornach: Sociedade Antroposófica Geral, 2021. Acesso em 27/8/23: www.sab.org.br/antroposofia/textos-e-v%C3%ADdeos/artigos/a-antroposofia-e-o-racismo (com um link para uma tradução bilíngue com o original oficial em inglês)

[25] Brüll, R. e J. Heisterkamp. *Frankfurter Memorandum: Rudolf Steiner and the subject of racism*. Frankfurt: Info3-Verlagsgesellschaft Brüll & Heisterkamp, 2008. Acesso em 28/8/23: https://info3-verlag.de/wp-content/uploads/2018/08/Frankfurt_Memorandum_English.pdf

[26] Steiner, R. *Os pontos centrais da questão social – aspectos econômicos, político-jurídicos e espirituais da vida em sociedade*. GA 23. Trad. J. Cardoso e M. Bertalot-Bay. São Paulo: Antroposófica, 2ª ed. 2018. *Economia viva – o mundo como organismo econômico único*. GA 340. Trad. H. Wilda e J. Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 4ª ed. 2018. Em inglês (acessos em 28/8/23): https://rsarchive.org/Books/GA023/ e https://rsarchive.org/Lectures/GA340/

[27] Atentado contra Steiner. Em alemão (acesso em 16/8/23): https://www.themen-der-zeit.de/1922-attentat-auf-rudolf-steiner/ Outro artigo, em inglês (acesso em 4/9/23): https://www.nna-news.org/news/article/rudolf-steiner-the-sensation-of-his-day

contra a organização social proposta por Steiner, acusando-a do absurdo de ter sido inspirada por judeus[28].

2.10 [270:6] "Na narrativa antroposófica da evolução das espécies, espíritos humanos vão reencarnando em corpos de pele e cabelos mais claros à medida que progridem. Cabelos loiros e olhos azuis causam inteligência."

Esse trecho tem uma referência de número 7[29]. Nela, não há menção à cor da pele e cabelos em relação a um "progresso". Um dos trechos que diz respeito à cor dos cabelos é o seguinte, em tradução livre:

Consider the Scandinavians. Much of the nourishment must be utilized in fighting off the surrounding cold. A Nordic man does not have enough energy left to drive the nourishment all the way into the eyes; his energy is needed to ward off the cold. Hence, he is blue-eyed. A man who is born in a warm, tropical climate has in his blood the driving force to push the nourishing substances into his eyes. In the temperate zones it is an individual matter whether a man possesses more or less inner energy.	Considere os escandinavos. Grande parte da nutrição deve ser utilizada na luta contra o frio circundante. Um homem nórdico não tem energia suficiente para conduzir o alimento até os olhos; sua energia é necessária para afastar o frio. Portanto, ele tem olhos azuis. Um homem que nasce em um clima quente e tropical tem no sangue a força motriz para empurrar as substâncias nutritivas para os olhos. Nas zonas temperadas, é uma questão individual se um homem tem mais ou menos energia interior.
This also affects the colour of hair. A person with strong forces drives food substances all the way into his hair, making it brown or black. A person with less driving force does not push these substances all the way into the hair, and thus it remains light. So we see that blue eyes and blond hair are related. The one who drives the food substances forcefully through his body gets dark hair and eyes; the one who does it less vigorously gets light hair and eyes. This can	Isso também afeta a cor do cabelo. Uma pessoa com forças fortes impele substâncias alimentícias para seus cabelos, tornando-os castanhos ou pretos. Uma pessoa com menos força impulsora não empurra essas substâncias até o cabelo, e assim ele fica leve. Então vemos que olhos azuis e cabelos loiros estão relacionados. Quem conduz as substâncias alimentícias com força através de seu corpo fica com cabelos e olhos escuros; aquele que o faz com menos vigor fica com cabelos e olhos claros.

[28] Hitler contra Steiner. Acesso em 15/8/23: http://www.defendingsteiner.com/sources/hitler-steiner.php Ver também na nota 27 o artigo em inglês.

[29] Steiner, R. *Health and illness I* [Saúde e doença I]. GA 348. Cap. V "The eye; colour of the hair" [O olho, a cor do cabelo]. Palestra de 13/12/1922, sem menção do tradutor (acesso em 15/8/23): https://rsarchive.org/Lectures/GA348/English/AP1981/19221213p01.html
Conferências aos trabalhadores do Goetheanum – VOL 3 - Saúde e Doença 1. Trad. G. Bannwart. São Paulo: Árvore da Terra, 2014

be understood from what I have told you.	Isso pode ser entendido pelo que eu disse aos senhores.

Nota-se que não há juízo de valor. Steiner faz uma constatação que, obviamente, aplicava-se a uma época muito antiga em que o ser humano era mais maleável e não dependia tanto da hereditariedade. Ele chama a atenção para o fato de que a própria Terra endureceu, e com ela os seres humanos. Além disso, ele não está falando de tempos modernos, onde nos países nórdicos o frio é pouco sentido devido ao aquecimento das residências, dos locais de trabalho e dos veículos. Claramente, ele não se referiu a uma pessoa, mas a uma evolução ao longo de um grande período. Importante é sua frase nessa palestra "Human beings are becoming denser, and they can regain a new wisdom only if they do not have to depend on their bodies, but possess, instead, a true spiritual science" [Os seres humanos estão se tornando mais densos, e eles poderão adquirir uma nova sabedoria somente se não tiverem que depender de seus corpos, mas possuírem, em lugar disso, uma ciência do espírito verdadeira]. (Em 2.6 já foi chamada a atenção para o fato de 'ciência do espírito' ser uma tradução mais fiel do original alemão.) Aqui fica claro que para Steiner as características físicas não mais importam. Sobre inteligência, é significativa a frase "Anthroposophy does not have to take the body into consideration but can bring forth intelligence from spiritual investigation itself" [A antroposofia não necessita considerar o corpo, mas pode gerar inteligência a partir da própria investigação espiritual].

2.11 [270:6] "Genocídios podem ser necessários e bem-vindos: em seu livro *O significado oculto do sangue*, Steiner pondera que 'certos povos aborígenes precisam perecer no momento que colonizadores chegam à sua parte do mundo'."

Em primeiro lugar, a referência é de uma palestra de Steiner de 25/10/1906, que está no livro, cujo título é, na tradução em inglês, *Supersensible knowledge* (GA 55). A tradução literal do título da palestra, de 25/10/1906, que não é um livro, mas foi impressa como separata, é *Blood is a very special fluid* [O sangue é um fluido muito especial], que remonta a uma frase ("*Blut ist ein ganz besonderer Saft*") dita por Mefistófeles no *Fausto I* de Goethe, cena do escritório (ou do quarto de trabalho), em que Mefistófeles pede a Fausto para assinar com seu sangue o acordo entre eles. Nessa palestra, Steiner mostra que com essa assinatura de sangue, Mefistófeles visava ter um domínio sobre o Eu de Fausto. Há uma edição em português dessa palestra em forma de *e-book* de uma editora que publicou a tradução de outros livros de Steiner, aparentemente sem autorização.

A acusação de que Steiner preconizava o genocídio é *gravíssima*. Ela já tinha ocorrido no artigo sobre antroposofia de Carlos Orsi[30]. Vejamos de onde foi

[30] Orsi, C. Antroposofia e o racismo esotérico. *Revista IQC*, 1/5/22. Acesso em 16/8/23: https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/apocalipse-now/2022/05/01/antroposofia-e-o-racismo-esoterico

extraída essa ideia, conforme a referência em inglês da internet[31] dada no capítulo. Em seguida, é colocado o original em alemão, ambas em traduções livres:

When two groups of people come into contact, as is in the case of colonization, then those who are acquainted with the conditions of evolution are able to foretell whether or not an alien form of civilization can be assimilated by the others. Take, for example, a people that is the product of its environment, into whose blood this environment has built itself, and try to graft upon such a people a new form of civilization. The thing is impossible. This is why certain aboriginal peoples had to go under, as soon as colonists came to their particular parts of the world.	Quando dois grupos de pessoas entram em contato, como no caso da colonização, então aqueles que conhecem as condições da evolução são capazes de prever se uma forma de civilização estranha pode ou não ser assimilada pelos outros. Tomem, por exemplo, um povo que é produto de seu ambiente, em cujo sangue esse ambiente se formou, e tentem enxertar em tal povo uma nova forma de civilização. Isso é impossível. Isso acontece porque certos povos originários tiveram que sucumbir assim que os colonizadores chegaram a suas partes específicas do mundo.
It is from this point of view that the question will have to be considered, and the idea that changes are capable of being forced upon all and sundry will in time cease to be upheld, for it is useless to demand from blood more than it can endure.	É deste ponto de vista que a questão terá de ser considerada, e a ideia de que mudanças são passíveis de serem forçadas em tudo e em todos deixará, com o tempo, de se sustentar, pois é inútil exigir do sangue mais do que ele pode suportar.

Wenn zwei Menschengruppen aufeinanderstoßen, wie dies bei der Kolonisation der Fall zu sein pflegt, dann wird derjenige, welcher die Evolution kennt, sagen können, ob eine fremde Kultur aufgenommen werden kann oder nicht. Nehmen Sie ein Volk, das herausgewachsen ist aus seiner Umgebung, in dessen Blut sich seine Umgebung hineingebildet hat, und versuchen Sie, ihm eine fremde Kultur aufzupfropfen. Es ist unmöglich. Das ist auch der Grund, warum gewisse Ureinwohner zugrunde gehen mußten, als die	Quando dois grupos de pessoas entram em contato, como costuma ocorrer no caso da colonização, aquele que conhece a evolução é capaz de dizer se uma cultura estranha pode ou não ser assimilada. Tomem, por exemplo, um povo que cresceu em seu ambiente, em cujo sangue o seu ambiente se introduziu, e tentem enxertar em tal povo uma cultura alheia. Isso é impossível. É por isso que certos povos originários tiveram que sucumbir, assim que os colonizadores

[31] Steiner, R. "The occult significance of the blood". *In Supersensible knowledge*. GA 55. Palestra de 25/10/1906. Tradutor desconhecido. Acesso em 15/8/23: https://rsarchive.org/Lectures/OccBld_index.html. Original do volume completo em alemão (acesso em 7/9/23): http://bdn-steiner.ru/cat/ga/055.pdf

Kolonisten in bestimmte Gegenden kamen. Von diesem Gesichtspunkte aus wird man diese Frage beurteilen müssen, und dann wird man auch nicht mehr glauben, daß man jedes jedem aufpfropfen kann. Dem Blute darf nur dasjenige zugemutet werden, was es noch vertragen kann.	chegaram a certas regiões. É deste ponto de vista que a questão terá de ser julgada, e então não se acreditará mais que se possa enxertar qualquer coisa em qualquer um. Pois só se pode exigir do sangue aquilo que ele ainda pode suportar.

Aqui vemos um problema de se usar uma tradução e não o original em alemão, lembrando que as palavras de Steiner também podem ter sido distorcidas na estenografia e na sua interpretação.

De qualquer modo, nas duas transcrições acima, Steiner de maneira alguma disse que o "genocídio pode ser necessário e bem-vindo", tendo colocado o problema no aspecto espiritual do sangue. Ele simplesmente constatou por que povos originários tiveram que "sucumbir", já que não conseguiam assimilar a cultura dos "colonizadores". Aliás, quando eles não desapareceram é que acabaram por assimilar a cultura dos estrangeiros, como aconteceu com vários dos nossos povos originários. Ou eles permanecem isolados, mantendo sua cultura, ou se assimilam e adotam a cultura dos invasores. São necessários grandes esforços para preservar duas culturas muito diferentes convivendo em uma mesma comunidade. Infelizmente nossa 'civilização' ocidental (leia-se europeia) é persuasiva demais, e seus pontos, principalmente os negativos, acabam se impondo.

Como foi dito, a acusação de Steiner ser "genocida" não só é gravíssima, mas é totalmente sem fundamento. Além de essa afirmação não constar da obra citada no capítulo, quem conhece a vida de Steiner, pela sua autobiografia[32] e relato dos que conviveram com ele, e por sua obra fantasticamente ampla e extensa, jamais pode concordar com uma acusação dessas. Como um humanista e pacifista visceral, absolutamente a favor do respeito ao ser humano e da liberdade como Steiner, poderia propor ou concordar com um genocídio?

Seria interessante o leitor ponderar por que os autores do livro fizeram essa terrível acusação infundada. No item 10.3 serão feitas algumas conjecturas a esse respeito.

Vale a pena citar uma característica da referida palestra. Nela, Steiner expõe com certo detalhe a organização suprassensorial do ser humano (ver os itens 2.2 e 2.3). Fica patente que os autores não estudaram essa palestra, pois senão não teriam cometido erros quando descreveram aquela organização, que serão apontados nos itens 5.2 e 6.1. É muito possível que os autores

[32] Steiner, R. *Minha vida – a narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia*. GA 28. Trad. R. Lanz, B. Callegaro, J. Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 3ª ed. 2022. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Books/GA028/

simplesmente usaram palavras de algum detrator de Steiner, sem verificar a origem e veracidade das afirmações.

3. "Anti-Darwin"

3.1 Esta seção começa em [270:7] com "Antes de prosseguir e explicar o que, afinal, a antroposofia prega, é importante entender o contexto em que ela surgiu." Prossegue apontando para a importância de Darwin, e o efeito de sua obra [271:1]: "[...] o que era até então um incômodo crescente explodiu, na cabeça de muitos, em conflito aberto entre ciência e religião."

De fato, Darwin foi fundamental para desconstruir visões de mundo religiosas que não faziam sentido, como o fundamentalismo criacionista, que interpreta os símbolos, as imagens do início da Gênese como se fossem realidades físicas, quando são grandiosas imagens para eventos espirituais, como Steiner mostrou em um de seus ciclos de palestras[33]. Esse caráter de imagem fica absolutamente claro pelo fato de que o Sol e a Lua são "criados" no 4º "dia" (Gen. 1:14-19).

É interessante salientar aqui que Rudolf Steiner era um grande admirador de Darwin, como se pode ver em[34], onde se nota a enorme cultura que o primeiro tinha da literatura, filosofia e ciência de sua época.

3.2 Vale a pena comentar a última frase da seção [272:1]: "Nesse clima, não surpreende que a teosofia incorporasse a noção pseudocientífica mas então popular, de que diferentes estágios evolutivos da humanidade seriam representados por diferentes raças."

Essa frase mostra como a autora e o autor criticam assuntos dos quais têm pouco conhecimento, o que deve ter ficado patente quanto à antroposofia no item anterior e que ficará demonstrado cabalmente no item 6.1. Helena Blavatsky (1831-1891), a fundadora da teosofia, denominou de "raças" e "sub-raças" períodos de tempo, e não raças humanas ou etnias. Steiner também usou essa terminologia no começo de sua carreira como conferencista de assuntos espirituais (no início do séc. XX), pois se dirigia a grupos de teósofos, segundo ele o único grupo que estava interessado em conhecer conceitualmente o mundo espiritual[35]. Mas ele logo mudou essa denominação, chamando-as de "eras" e de "épocas culturais" respectivamente pois, como já mencionado, era totalmente contra

---

[33] Steiner, R. *Die Geheimnisse der biblischen Schöpfungsgeschichte – das Sechstagewerk im I. Buch Moses* [Os segredos da história bíblica da criação – o trabalho dos seis dias no 1º livro de Moisés]. GA 122. Palestras de 16 a 26/8/1910. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1984.
Em inglês (apenas parte): https://rsarchive.org/Lectures/GA122/

[34] Steiner, R. Darwinism and world conception [Darwinismo e concepção de mundo] *in Riddles of philosophy, presented in an outline of its history – Part II*. [Enigmas da filosofia – apresentados em um esboço de sua história – parte II]. GA 18. Trad. F.C. A. Koelln. Spring Valley: Anthroposophic Press, 1973. Acesso em 23/8/23: https://rsarchive.org/Books/GA018/English/AP1973/GA018_p02c02.html

[35] Ver nota 32.

considerações de raça para julgar valores humanos. Ele descreveu com detalhes as eras e, principalmente, as épocas culturais, inclusive com os anos de seus inícios, o que dá uma visão da história bem diferente da usual, que é baseada exclusivamente em registros históricos, isto é, o que ficou na superfície[36].

4. "Teosofia"

4.1 De [272:2]: "[...] Cada ciclo histórico é dominado por uma raça-raiz, com a qual convivem suas sub-raças e remanescentes, vagamente degenerados, das raças-raízes de ciclos anteriores." A palavra "dominado" mostra bem que, erradamente os autores se referem a raças e sub-raças como etnias humanas o que, como foi mostrado no item anterior, não é o caso. Como foi descrito no item 2.7, cada período cultural tem seu centro de irradiação em uma região da Terra. Não se trata de dominação física, mas cultural, pois aquela região representava o progresso da humanidade.

Cada período cultural incorporou uma nova constituição suprassensível do ser humano, o que representou um avanço, mas também houve a perda cada vez maior do contato com o mundo espiritual.

4.2 [273:3] "O rompimento final [de Steiner] com a Sociedade Teosófica veio em 1912 e levou à criação, no ano seguinte, da antroposofia. A causa imediata do cisma foi a decisão da liderança global da Sociedade Teosófica de proclamar que o menino indiano Jiddu Krishnamurti era o novo Mestre Universal. Efetivamente uma segunda encarnação do Cristo." Correto. Steiner mostrou em inúmeros ciclos de palestras sobre os evangelhos que a vinda do Cristo (que foi uma incorporação dessa entidade no Jesus de Nazaré, e não uma encarnação no sentido da encarnação de um ser humano, desde algumas semanas do feto) só podia se dar uma única vez, pois a preparação da personalidade do Jesus tinha sido fruto de uma profunda confluência de pessoas e de influências de correntes espirituais, o que não podia se repetir, e isso não teria sentido. Uma demonstração dessas diversas correntes aparece no início dos Evangelhos de Mateus e de Lucas, que são, a menos de pequeno trecho das genealogias, totalmente diferentes desde o nascimento de Jesus até o batismo do Jordão, quando começam as coincidências. O autor destas linhas fez uma compilação dessas discrepâncias[37]. A interessante e original explicação de Steiner para essas discrepâncias e as confluências de várias correntes da humanidade, totalmente compreensível para quem conhece as bases da antroposofia, mostra o poder desta última para a compreensão da história e da evolução da humanidade[38]. Para a antroposofia, a história antiga, os antigos escritos

---

[36] Ver, por exemplo, nota 4.

[37] Setzer, V.W. "Discrepâncias entre os Evangelhos de Lucas e Mateus". Acesso em 17/8/23: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/discreps-lucas-mateus.pdf

[38] Steiner, R. *O Evangelho segundo Lucas – considerações esotéricas sobre sua relação com o budismo*. GA 114. Trad. E. Asbeck e L. Landsberg. São Paulo: Antroposófica, 2ª ed. 1996. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Lectures/GA114/

sagrados e os mitos deixam de ser mera invencionice, permitindo que uma pessoa da atualidade possa compreender o significado da antiguidade para a evolução da humanidade. Para uma concepção materialista do mundo, por exemplo, todas as escrituras sagradas e mitos são meras 'historinhas' inventadas, muitas vezes devido ao medo das forças da natureza, sem nenhuma realidade. A antroposofia mostra a realidade espiritual que está por detrás de muitos desses escritos, e até mesmo dos contos de fadas, todos relatados em imagens, e não expressos em conceitos como o ser humano pode fazer hoje.

4.3 [273:4] "Steiner manteve muito da 'teoria da evolução' da teosofia em sua nova doutrina, mas substituiu o caráter cíclico da evolução teosófica por um de progresso contínuo, com raças superiores surgindo em resposta ao aperfeiçoamento espiritual da espécie [...]". Aqui há um erro profundo: Steiner não se baseou na teosofia para nada. Ao entrar para a Sociedade Teosófica, tornando-se o secretário geral dela para a Alemanha, ele colocou como condição de que iria transmitir suas próprias observações espirituais, e não usar as que eram divulgadas por aquela Sociedade. De fato, há coisas em comum; como ele mesmo afirmou, as verdades espirituais são uma só. No entanto, a originalidade dele é enorme; nunca alguém transmitiu o conhecimento sobre a entidade humana, sobre a evolução cosmogônica e cultural com tanta profundidade e de maneira tão clara e conceitual. A propósito, Steiner usa ciclos na evolução, por exemplo suas "épocas culturais", que não se repetem, mas uma época posterior pode refazer, de forma metamorfoseada, características de uma anterior como base para avançar para novas características. Além disso, ele considerou que a evolução histórica se dá por saltos e não é contínua.

Novamente a questão das raças está totalmente em desacordo com a cosmovisão steineriana, como ficou demonstrado em itens anteriores, especialmente o 2.3. Pode-se ter a impressão de que os autores do livro se agarram a essa questão como tábua de salvação para conseguirem criticar Steiner.

4.4 [273:4] [...] "Raças podem se tornar obsoletas e genocídios não passam da ação das forças cósmicas que guiam a evolução humana, num processo de 'eugenia cósmica'." Para Steiner, antigamente as raças e etnias tinham um sentido na evolução da humanidade, tendo até mesmo influência da região onde se desenvolveram. Mas como já foi mostrado, para ele elas perderam totalmente o sentido. Declarou que na antiguidade as guerras tinham alguma razão de ser, como por exemplo o universalismo que impulsionou Alexandre (356-323 a.C.) em suas conquistas, levando a cultura grega para o Oriente. Mas ele foi enfático ao dizer que hoje em dia as guerras não têm mais razão de ser; conflitos deveriam ser resolvidos por negociação (tema muito atual quando da escrita desta resenha!). Sobre "genocídios", veja-se o item 2.11.

4.5 [273:4] Aqui há uma citação extraída de um livro aparentemente sobre os apoiadores de Hitler: "[...] Antroposofistas abraçaram a eugenia não principalmente porque tinham fé na ciência moderna, mas porque acreditavam que raça e espiritualidade estavam intrinsecamente ligados.". Em primeiro lugar, a palavra "antroposofista", transliteração do *anthroposophist* usado em inglês (língua do livro citado), não é comumente usada em português, na qual costuma-se empregar 'antropósofo' provinda do original alemão *Anthroposoph*. Essa é mais uma indicação do desconhecimento dos autores em relação à extensa literatura antroposófica traduzida, fora muitos livros sobre o assunto escritos originalmente no vernáculo[39]. Em segundo lugar, de fato, na antiguidade as raças tinham um papel na evolução da humanidade, mas segundo Steiner elas deixaram totalmente de ter algum papel. Como foi exposto em 2.3, hoje em dia o ser humano tem que desenvolver seu Eu, que não tem raça, etnia, gênero etc. Quanto à "eugenia" se antropósofos abraçassem essa ideia não estariam admitindo os princípios básicos da antroposofia. Além disso, malucos existem em qualquer lugar e movimento.

4.6 [273:5] "Sua obra dá a entender que o destino da humanidade será atingido quando todas as almas tiverem evoluído o suficiente para encarnar em corpos 'alemães' (a raça branca é a raça do futuro, a que cria o Espírito, escreve ele) – e todas as demais tiverem desaparecido, seus defeitos e limitações superados pela evolução espiritual trazida pelas sucessivas reencarnações do ego." Um pouco de raciocínio sadio logo percebe o absurdo dessa frase: como a humanidade toda ("todas as almas") caberia nos pretensos "corpos "'alemães'"? Mas a frase tem uma referência bibliográfica, a de número 14 do capítulo. Vamos a ela.

Na citação, uma tradução para o inglês, encontra-se "The while [*sic*, deve ser white] race is the future one, is the race creating in the Spirit". Mas o original em alemão é "Die weiße Rasse ist die zukünftige, ist die am Geiste schaffende Rasse." Em tradução livre: A raça branca é a do futuro, é a raça criadora em espírito. Mas a palavra *Geist* em alemão tem dois significados: espírito ou intelecto. Ocorre que, lendo-se a palestra toda (de 3/3/1923, no GA 349), vê-se que Steiner estava descrevendo a antiga origem da cor da pele, e colocando características espirituais dos povos que a têm: africanos (pele bem escura), malaios, incluindo chineses e japoneses (pele amarelada), e europeus/caucasianos, pele bem clara. Ele atribui essas colorações à influência da luz e do calor, o que obviamente ocorreu durante séculos ou milênios. A frase seguinte, traduzindo do original, é um exemplo das características mencionadas: "Quando os de pele clara foram para a Índia, eles formaram a cultura indiana interiorizada, poética, espiritual." Na palestra usada, não há nenhuma menção de superioridade, nenhuma menção de reencarnação. Aliás, note-se o uso, pelos autores, da palavra "ego", empregada comumente em inglês para o que é chamado de Eu nas traduções

[39] Ver, por exemplo, as referências das notas 4 e 9.

brasileiras e na linguagem falada e escrita nos círculos antroposóficos locais (ver o item 2.3), tradução literal do alemão *Ich*. Novamente uma demonstração de que a vasta literatura antroposófica em português foi ignorada. Em toda obra de Steiner, não há menção de que uma parte da humanidade irá desaparecer, e sim que vai degenerar moralmente – aliás, vê-se hoje cada vez mais degenerações morais. Nessa palestra Steiner quis mostrar qual era a origem das raças típicas, o que se deu na antiguidade. Essa questão de encarnação de "todas as almas" em "corpos 'alemães'" não se encontra da palestra referida, e contradiz a continuação da frase "e todas as demais", fora contradizer o que Steiner mencionou várias vezes: a questão das raças está ultrapassada (cf. 2.3, 2.7 e 2.8 acima).

No restante da seção [274:2-275:6], os autores tentam associar o movimento antroposófico com o nazismo. Não se deve julgar as posições de alguns antropósofos que se manifestaram a favor daquele regime, pois quem era contra ele estava literalmente condenado. Além disso, repetindo, malucos existem em toda parte. O fundamental é saber-se, conhecendo a antroposofia a fundo, que não poderia haver contraste maior entre ela e a doutrina nazista; esse contraste será abordado no item 11.1. Ademais, não é culpa da antroposofia ou de Steiner se algumas das aplicações da antroposofia, como a agricultura biodinâmica, tivessem sido temporariamente adotadas pelos nazistas.

5. "Antroposofia e ciência"

5.1 [276:2] "[...] Steiner afirmava claramente estar criando uma ciência própria – 'ciência espiritual' – em pé de igualdade com ciências humanas e naturais [...]." Interessante que aqui há uma referência, a de Nº 22 do capítulo, ao único livro que Steiner publicou em coautoria, com a médica Ita Wegman. Trata-se de um livro de introdução à medicina antroposófica cujo título vale a pena colocar aqui: *Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar*[40]. Esse título é uma tradução literal do original alemão *Grundelegendes für eine Erweiterung der Heilkunst*. Note-se a escolha proposital de "arte de curar" e não 'ciência médica', mostrando que a medicina antroposófica emprega, além dos enfoques tradicionais da medicina corrente, também outros, no caso qualitativos. Além disso, a palavra "'ampliação" mostra muito bem que a cosmovisão antroposófica é uma extensão da ciência natural, não entrando em conflito com os fatos científicos obtidos por esta última. Ora, uma extensão não tem "pé de igualdade" com o que ela estende. Note-se ainda que os autores desconhecem a existência desse livro, bem como de outros, em português. Nem ao menos se deram ao trabalho de consultar o catálogo *on-line* da Editora Antroposófica.

[40] Steiner, R. e I. Wegman. *Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar*. GA 27. Trad. S.A.L. Setzer. São Paulo: Antroposófica, 5ª. ed. 2020. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Books/GA027/

5.2 [276:2] "[...] (Steiner) afirma, por exemplo, que o ser humano tem, além de um corpo físico, um corpo etéreo (*sic*) e um corpo astral. Steiner quer dizer que esses corpos extras têm o mesmo tipo de realidade que os braços ou pernas." De fato, Steiner escreveu e falou extensamente sobre os corpos etérico (essa é a tradução usada em português) e astral, mas jamais disse que eles tinham o "mesmo tipo de realidade que braços e pernas", simplesmente pelo fato de que para ele aqueles corpos não têm absolutamente nada de físico[41]. Portanto, há aqui mais uma demonstração do desconhecimento dos elementos básicos da antroposofia.

A propósito, o corpo etérico, que existe também nas plantas e animais, é responsável pela vida (grande incógnita da ciência natural), bem como pelas formas orgânicas, e por todos os processos vitais. Mas na antroposofia ele não tem um nível espiritual; o espírito humano, seu Eu, o quarto membro, mais 'elevado' do que os dois não físicos citados, não está presente nas plantas e animais. Assim como no mundo físico, as 'substâncias' não físicas são estruturadas em níveis diferentes, e nos seres vivos o Eu humano é o único realmente espiritual (ver o item 2.3 acima).

5.3 [276:4] "[...] O problema é que um sistema que se propõe a ser capaz de produzir conhecimento sobre a realidade, com valor científico, precisa passar pelos mesmos testes de qualidade e confiabilidade a que a ciência é submetida, e nisso o 'processo Steiner' falha miseravelmente." Sim, Steiner produziu novos conhecimentos sobre a realidade, mas conhecimentos que não são físicos, como os corpos mencionados em 5.2 acima, e mostrou como eles atuam fisicamente. Segundo Steiner, elementos espirituais não podem ser detectados fisicamente. Eventualmente, sua manifestação física pode ser detectada, como aliás é o caso, por exemplo, do crescimento e da regeneração de tecidos vivos. Sabe-se que eles são devidos à divisão celular, mas não se sabe por que essa divisão configura, por exemplo, as extraordinárias formas orgânicas das plantas. Tome-se as mãos humanas. Elas vão crescendo desde o nascimento até a puberdade, no entanto conservam uma alta simetria. É impossível supor que uma célula de uma mão, ao se dividir para proporcionar crescimento, envie uma mensagem a uma célula correspondente da outra mão avisando para se dividir também, senão a simetria seria quebrada (obviamente, isso vale também para centenas ou milhares de células numa certa região das mãos). Um exemplo típico em plantas é a Costela de Adão (*monstera deliciosa*). As folhas começam inteiriças, dividem-se em partes e cada parte cresce conservando uma curva característica, formada pelas suas extremidades, que não são pontas, são linhas. É como se as mãos e as folhas das Costelas de Adão seguissem um modelo, que impõe a divisão celular, formando e mantendo as formas. Nós reconhecemos essas formas com nosso pensamento, portanto os respectivos modelos são da natureza de nosso pensamento que, aliás, não

[41] Ver notas 4, 8, 11, 12.

é físico. A ciência corrente não sabe como ele se origina; o fato de qualquer pessoa ter a vivência de poder determinar o seu próximo pensamento mostra que ele não é físico, pois se o fosse seria predeterminado por 'leis' naturais ou seria aleatório.

5.4 Em parte do restante do capítulo, há afirmações de que a 'ciência do espiritual' (cf. 2.6, devia ser 'ciência do espírito') de Steiner não é ciência no sentido da ciência natural ou corrente. Óbvio, ela nunca quis se igualar a essa última e, portanto, aquilo que ela acrescenta à ciência corrente em termos de observações espirituais não pode estar sujeito aos critérios da última. Vale a pena citar um caso desses. A reprodutibilidade dos experimentos e seus resultados é um dos princípios básicos da ciência natural. Ora, o ser humano não é reprodutível! Se o leitor leu esta resenha até aqui, ele já não é exatamente o mesmo que era quando começou a lê-la, pois o ser humano incorpora todas as suas vivências.

5.5 Outra afirmação é a de que Steiner teria feito revelações que [277:3] "[...] contradizem frontalmente fatos históricos bem documentados e estabelecidos. E não apenas do passado remoto, como na suposta história de (*sic*) Atlântida, mas de períodos bem mais recentes como a Idade Média." Como já foi citado em 2.2, a Atlântida não deixou vestígios, e é de uma época pré-histórica, portanto não pode ser um "fato histórico bem documentado". As revelações de Steiner sobre ela fazem sentido com o restante de seus relatos do desenvolvimento anterior e posterior da humanidade.

Quanto à Idade Média, a seção menciona que Steiner fez descrições do Rei Arthur e isso contradiz o conhecimento atual de que [278:1] "[...] o castelo de Tintagel foi construído no século XII, pelo menos setecentos anos depois dos tempos em que teria vivido o Arthur real." Steiner mencionou a 'corrente de Artur' como um impulso espiritual, em duas palestras de 21 e 27/8/1923 que constam do volume GA 240[42]. Nessas palestras, Steiner não coloca o Rei Artur em uma determinada época; fala mais sobre o impulso espiritual arturiano. Esse impulso teria sido uma corrente ocidental que vinha já de antes do advento do Cristo, representando o que ele denominou de 'cristianismo pagão', em contraste com o "cristianismo do Cristo" que vinha do Oriente, representado pela corrente do Graal. As duas se fundiram no séc. XII na Escola de Chartres.

5.6 [278:2] Nesse parágrafo, é feita referência a Staudenmaier (ele será examinado no item 9.3), um conhecido detrator de Steiner e da antroposofia. "A própria visão antroposófica da evolução humana [seguem-se as infalíveis afirmações sobre racismo] ... mostra que tanto o mundo espiritual acessado pelo pai da antroposofia, bem como o 'Arquivo

[42] Steiner, R. "Cosmic Christianity and the impulse of Michael", palestra VI de 21/8/1924 https://rsarchive.org/Lectures/GA240/English/APC1953/19240821v02.html e palestra VIII de 27/8/1924 https://rsarchive.org/Lectures/GA240/English/APC1953/19240827p02.html (acessos em 20/8/23) *in Karmic Relationionships VIII*, GA 240. (Uma tradução de S.A.L. Setzer do original alemão para o português está no prelo pela Editora Antroposófica, mas com o número VI.)

Akáshico' continham não verdades objetivas e entes reais, mas uma coleção de delírios, idiossincrasias e ilusões alimentada pelas crenças pessoais de Rudolf Steiner e pelos preconceitos comuns de seu país, sua classe social e sua época." Um esclarecimento: Steiner denominou a memória universal, seguindo uma antiquíssima tradição espiritual hindu, de 'Crônica do Acacha' (ch como em português). A ciência corrente não tem a mínima ideia de como funciona a nossa memória. Sabe-se que as sinapses (conexões entre neurônios) participam do processo da memória, mas não se sabe de que modo. Assim, não é uma afirmação anticientífica dizer que a nossa memória não é física. Assim como cada ser humano tem memória (e se não tivesse não se reconheceria como um Eu), o universo também tem a sua. Desenvolvendo-se órgãos de percepção suprassensível é possível 'ler' esse registro universal. Claramente, Steiner foi capaz de fazê-lo, relatando não só a cosmogonia, como a evolução da humanidade como lá registrado. É impossível que Steiner tenha inventado tudo o que transmitiu; com os 350 volumes de sua obra e palestras, perfazendo 89.000 páginas, tratando de temas imensamente variados, pois ele teria sido o maior inventor ou contador de histórias que já houve. Ressalte-se, como já foi dito, que suas revelações são extremamente coerentes, inclusive com fatos científicos conhecidos e com a história (ver o item 2.2 acima). Por meio delas adquire-se um profundo conhecimento do ser humano e da história. Acrescente-se que Steiner tinha uma cultura incrivelmente vasta, tendo citado centenas de autores. Sua formação científica na Escola Politécnica de Viena e filosófica, como mostrado em seu doutorado e em obras posteriores, revelam um profundo conhecimento da cultura de sua época. Além disso, as aplicações práticas da antroposofia, sendo a Pedagogia Waldorf a mais conhecida, mostram que sua concepção do ser humano e de sua evolução individual fazem todo sentido. A afirmação de que Steiner tinha "delírios" não corresponde a tudo o que ele escreveu, falou e fez. A sua obra inicial filosófica, que culminou com o livro *A filosofia da liberdade*[43], bem como toda a sua obra posterior, revelam uma pessoa totalmente consciente, conceitual e coerente.

Finalmente, curiosíssima a afirmação de que ele pertencia a certa "classe social". Ele jamais foi um intelectual rico (o pai era funcionário subalterno de uma estrada de ferro), quando jovem sustentou-se dando aulas particulares, e teve profundo contato com as classes trabalhadoras dando cursos para ela em uma escola para trabalhadores de Berlim e, posteriormente, para os trabalhadores da primeira sede do movimento antroposófico, o antigo Goetheanum, que foi queimado criminosamente na passagem do ano de 1922 para 1923. Ressalte-se que no dia seguinte, apesar da profunda dor psicológica, pois aquele prédio, em madeira, era uma verdadeira obra de arte, com cada canto esculpido ou pintado, Steiner continuou a dar palestras. Quanto à época em que ele viveu, é correto considerar que ela o influenciou, apesar de ele ter sido um precursor em várias áreas.

[43] Ver nota 14.

6. "Medicina"

O autor desta resenha não é médico ou da área de saúde, mas algumas afirmações dos autores podem ser comentadas a partir de um bom conhecimento da vida e obra de Steiner e com um pouco de bom senso.

6.1 [278:4] "Na obra fundadora da medicina antroposófica, escrita em parceria com a médica holandesa Ita Wegman, lemos que as técnicas de introspecção e meditação que dão acesso aos 'mundos superiores' abrem também vistas do organismo humano e da saúde que precisam ser encaradas como fatos científicos.". Steiner jamais se referiu às suas revelações como 'fatos científicos' no sentido da ciência corrente. De fato, vale a pena transcrever um trecho do livro citado pelos autores:

> "A ampliação do conhecimento do mundo e do ser humano se nos apresenta na antroposofia, fundada por Rudolf Steiner. Ao conhecimento sobre o homem *físico*, que só pode ser alcançado por meio dos métodos científicos contemporâneos, ela acrescenta o conhecimento sobre o homem *espiritual*. Essa ampliação não passa dos conhecimentos do âmbito físico aos do espiritual por mera reflexão. Tal caminho só nos coloca diante de hipóteses mais ou menos bem pensadas, e ninguém pode provar que algo corresponda a elas no mundo real."[44] (Ênfase dos autores.)

(A propósito, essas e outras citações de Steiner apresentadas nesta resenha parecem palavras de alguém em "delírio", cf. o item 5.6.?) Está claramente declarado que as observações suprassensoriais não provêm do mundo físico e, portanto, não podem ser consideradas fatos científicos segundo a ciência corrente.

A citação a seguir é muito importante, como se verá. [278:5] "Em linhas gerais: na visão antroposófica, o corpo humano é formado pelo que poderíamos chamar de quatro camadas: a física é aquela a que todos temos acesso e que a ciência de verdade estuda. As outras três são a etérea (*sic*), a espiritual e a alma, ou ego." É impressionante como os autores são incoerentes em alguns trechos. No item 5.2 acima foi citado um trecho do capítulo, dizendo que [272:2] "[...] [Steiner] afirma, por exemplo, que o ser humano tem, além de um corpo físico, um corpo etéreo (*sic*) e um corpo astral." Perfeito, e a esses dois últimos, que não têm absolutamente nada de físico, acrescenta-se, com constituição também não física, o Eu (que em inglês é denominado de ego, daí os autores terem usado essa palavra, que nunca ocorre na literatura antroposófica em português, claramente desconhecida por eles). Sobre o Eu, que é o membro suprassensível mais elevado do ser humano (fora outros ainda mais elevados, mas ainda incipientes), e que está em desenvolvimento, ver o item 2.3. A divisão em quatro membros sendo um o nosso corpo físico, e os outros três não físicos, está correta, a menos da falta do Eu. No entanto

[44] Ver nota 40, p. 9.

note-se como a primeira divisão simplesmente não combina com a segunda, "a etérea, a espiritual e a alma, ou ego." Além disso, Steiner faz uma distinção clara entre alma e espírito, o que já ocorre em um de seus livros básicos, *Teosofia*.[45]. Finalmente, o Eu (ego, para os autores) é o próprio espírito, e não a alma. Esses erros, inclusive incoerentes com o próprio texto, mostram algo que já vem aparecendo no que foi mostrado até aqui: o desconhecimento dos autores em relação aos fundamentos mais básicos da antroposofia.

Não vale a pena comentar o restante do capítulo, pois isso seria melhor feito por médicos antroposóficos. Talvez apenas mais um trecho merece um comentário. [281:2] "No Brasil, o médico infectologista Guido Carlos Levi menciona, em seu livro *Recusa de vacinas: causas e consequências*, um surto de sarampo na cidade de São Paulo, onde 'alguns dos acometidos eram crianças com pais e/ou pediatras antroposóficos e, em consequência, não vacinados'." Note-se a ilação: pais e/ou pediatras antroposóficos não vacinam. Essa é uma generalização indevida, como já foi mostrado no item 2.1 acima.

7. "Biodinâmica"

A Agricultura Biodinâmica (BD) é uma agricultura que segue indicações de Rudolf Steiner, cultivada em 55 países, com um cultivo total de 251.842 hectares, conforme artigo de 2020[46]. Ela está presente também aqui no Brasil, como será visto no item 7.2 – a primeira fazenda de BD foi a Estância Demétria, de Botucatu, SP, que iniciou seu trabalho em 1974. De lá para cá, várias fazendas do país adotaram a agricultura BD, como por exemplo a Fazenda Capão Alto das Criúvas, Sentinela do Sul, RS, que produz talvez o produto da agricultura BD mais conhecido no Brasil, o arroz Volkmann[47].

[281:5] "Rudolf Steiner aparentemente foi um daqueles egos monumentais incapazes de responder a qualquer pergunta com um honesto 'não sei'. Quando lhe pediram suas ideias sobre o cultivo da terra, o resultado foi um conjunto de palestras proferidas em 1924 que representou o início do movimento da agricultura biodinâmica. Steiner tinha uma visão romântica da agricultura – sua fazenda ideal seria um espaço de perfeito equilíbrio entre ser humano, animais de criação, plantas e solo [...]."

A afirmação de que Steiner "aparentemente foi um daqueles egos monumentais" merece um reparo especial. Se por "ego" os autores do livro querem ser referir ao Eu humano conforme caracterizado em 2.3, e levando a frase a sério, eles têm absoluta razão: Steiner tinha um Eu monumental, tão desenvolvido que foi capaz de observar o mundo espiritual

---

[45] Ver nota 11 e também as referências das notas 4 e 8.

[46] Paul, J. e B. Hennig. "A World Map of Biodynamic Agriculture." *Agricultural and Biological Sciences Journal* Vol. 6, No. 2, 2020, pp. 114-119. Acesso em 1/9/23: https://orgprints.org/id/eprint/38129/1/PaullHennig2020.BDworld.ABSJ.pdf

[47] Arroz BD Volkmann. Acesso em 1/9/23: https://volkmann.com.br/

conscientemente, com toda a nitidez, e exprimi-lo em conceitos, como fica patente pela sua obra. Mas certamente não foi essa a intenção dos autores, pois obviamente eles quiseram dizer que Steiner era orgulhoso, prepotente, ególatra etc., e aí a frase adquire um caráter pejorativo e ofensivo. Essa ofensa simplesmente não combina com a vida e a obra de Steiner – obviamente, para quem as conhece.

Quanto ao "não sei", o sucesso da BD no mundo mostra que ele sabia muito bem o que devia ministrar no curso sobre BD[48]. Pelo seu acesso ao mundo espiritual, Steiner podia discorrer sobre praticamente qualquer assunto, pois o mundo físico é uma representação daquele mundo, que ele podia observar e consultar conscientemente, como fartamente demonstrado por sua imensa obra. Por exemplo, subjacente a qualquer objeto físico há o seu conceito, que não é físico como mostrado em artigo do autor destas linhas[49].

No entanto, se o "não sei" se refere também a outras áreas, é preciso notar que Steiner sempre dava palestras atendendo a anseios que ele detectava nas pessoas ou a perguntas propriamente ditas, como foi o caso do curso de agricultura e tantos outros. Além disso, será que alguma pessoa séria dá palestras, cursos completos, ou escreve livros sobre algo que não sabe, e ainda é convidada para isso por especialistas?

A história desse curso de agricultura, dado entre 7 e 16/6/1924 para 111 agricultores e outros[50], foi contada pelo próprio Steiner em uma palestra de 20/6/1924:

> "Mas na verdade devo dizer que não foi fácil para a Condessa e o Conde Keyserlingk promover esse curso, pois havia muito ele fora prometido e eu nunca tinha a possibilidade de ir. O sobrinho do Conde Keyserlingk já estivera aqui em Dornach [a sede da Sociedade Antroposófica Geral] por esse motivo durante o Congresso de Natal [24/12/1923-1/1/1924]; e naquela ocasião, ao ser enviado até aqui, havia-lhe sido dito: 'Ou você me traz a promessa bem definida de que esse curso se realizará ainda no próximo semestre, ou não me volte mais para casa.'. Sob essa promessa surgiu então o sobrinho, que na verdade também já realizara algumas coisas notáveis neste mundo, e falou realmente de modo tão enérgico que eu lhe disse que o curso teria lugar tão logo fosse possível de alguma forma. Ora, como não foi possível antes, realizou-se em Pentecostes. Foi uma bela festa, uma verdadeira festa pentecostal antroposófica."[51]

---

[48] Steiner, R. *Fundamentos da agricultura biodinâmica – vida nova para a terra*. GA 327. Trad. G. Bannwart. São Paulo: Antroposófica, 5ª ed. 2017. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Lectures/GA327/

[49] Setzer, V.W. "Conceitos e o cérebro". Acesso em 28/8/23: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/conceito-cerebro.pdf

[50] Ver nota 46.

[51] Ver nota 48.

Portanto, Steiner não pôde recusar o insistente convite. Se ele não soubesse do que estava falando, o curso não teria durado todo o tempo que durou, com tantos presentes. Ele não teria sido convidado tão energicamente se os que o convidaram não tivessem certeza de que o curso daria muitos frutos, como realmente deu.

Quanto à "visão romântica da agricultura", ela não foi nem um pouco romântica, foi muito prática, como demonstrado pelo seu emprego posterior no mundo, e foi baseada no profundo conhecimento que Steiner tinha sobre o solo, as plantas e os animais. Foi mais uma demonstração da universalidade de seu conhecimento – e os agricultores do curso citado tinham certamente confiança de que ele poderia renovar a agricultura, tornando-a mais humana. Esse curso teve um grande impacto; por exemplo, o termo 'agricultura orgânica' nasceu em 1940 da BD[52], como bem relatado por McKanan em seu livro (p. 47)[53]; esse livro será tratado com mais detalhe no item 9.4.

7.2 A seção descreve algo sobre a BD com apenas uma crítica: [282:5] "Steiner preconizava atividades que só podem ser descritas como mágicas ... Em termos práticos – qualidade do produto, capacidade de produção, sustentabilidade ecológica –, a agricultura biodinâmica partilha de boa parte das vantagens aparentes (e dos problemas reais) da agricultura orgânica, mas com uma camada extra de mágica e ocultismo.". Uma palavra sobre a questão da "mágica'. Obviamente, os autores empregam essa palavra pejorativamente. Ocorre que não se trata de mágica, e sim de emprego de forças que não são físicas, descritas por Steiner, e a ciência corrente não devia dizer nada sobre elas, pois ela é materialista e não pode abarcar o que não é físico. A BD preconizou o uso dos chamados 'preparados', que funcionam como efetivos 'remédios' para a terra; a BD pode ser considerada uma 'cura' da terra. Além disso, emprega a escolha de épocas variáveis do ano mais adequadas para o plantio, uso de 'plantas companheiras' etc. A adoção cada vez maior da BD em inúmeros países mostra que a tal "mágica" funciona. A Associação Biodinâmica tem um *site*[54] com muita informação, notícias, vídeos etc., mostrando como a BD tem resultados positivos.

Agricultores são pessoas extremamente práticas, ligadas diretamente à realidade da natureza, e preocupados com fatores econômicos. Se a agricultura biodinâmica não funcionasse, eles não a adotariam. Não adianta fazer acusações contra o método da BD, se ele funciona – inclusive para produtos em que o paladar é um fator muito sensível e essencial, como o dos vinhos, pois nas últimas décadas os vinhos de cultivo biodinâmico têm ganho destaque[55].

---

[52] Ver nota 46.

[53] McKanan, D. Eco-Alchemy: *Anthroposophy and the History and Future of Environmentalism* [Ecoalquimia: antroposofia e a história e futuro do ambientalismo]. Oakland: University of California Press, 2017.

[54] Associação Biodinâmica (ABD). Acesso em 21/8/23: https://www.biodinamica.org.br/

[55] Biodynamic wine. Wikipedia. Acesso em 21/8/23. https://en.wikipedia.org/wiki/Biodynamic_wine

7.3 Há uma iniciativa BD no Egito, SEKEM, iniciada em 1977, que transformou um trecho desértico em terra fértil[56]. Ela foi instalada com muito idealismo pelo antropósofo Ibrahim Abouleish (1937-2017) como uma comunidade agrícola e cultural. Helmy Abouleish (1961-), o filho de Ibrahim, assumiu a direção do empreendimento depois da morte do pai. Em palestras dadas em São Paulo, Helmy contou que as terras eram irrigadas com água do Nilo. Perguntado em longa conversa com o autor dessa resenha se com isso as terras não iriam ser salinizadas (um antiquíssimo problema da irrigação), ele contou algo surpreendente: devido à agricultura BD, as terras de SEKEM mostraram, em análises químicas, conter menos sal do que terras sem irrigação. A "mágica" funciona! Quanto ao "ocultismo", veja-se o item 2.6 acima.

8. "Ensino Waldorf"

Em geral, como na seção anterior, esta seção é positiva. Sobre a Pedagogia Waldorf (PW) veja-se o livro de R. Lanz[57]. Ao contrário da referência da Wikipedia da seção anterior, a referência dela sobre PW está extensa e bastante fiel, pelo menos na data desta redação[58]. Apenas algumas observações.

8.1 Logo de início os autores escrevem o seguinte. [282:5] "Rudolf Steiner também elaborou um sistema educacional baseado em suas revelações esotéricas das quatro camadas do corpo, da estrutura tripartite do ser humano e da evolução individual e racial ao longo de sucessivas encarnações." As "quatro camadas do corpo", como foi exposto no item 5.2, não são camadas do corpo físico, pois as três superiores (corpo etérico, corpo astral e Eu) não têm nada de físico. Note-se que em alguns trechos os autores falam de quatro membros erradamente em termos da antroposofia, conforme foi visto em 6.1.

É curioso os autores se referirem a uma "estrutura tripartite", pois essa expressão não ocorreu anteriormente no capítulo. Em português, o usual é se usar a expressão 'trimembração', tradução literal do alemão *Dreigliederung*, pois a estruturação do ser humano não se dá em partes estanques, e sim como membros que interagem harmonicamente em uma pessoa sadia. Três possíveis trimembrações do ser humano são: corpo, alma e espírito[59]; os sistemas neurossensorial, rítmico (respiratório e circulatório) e metabólico-motor[60] (a inclusão do metabólico ao lado do motor é original de Steiner e amplamente explicada por ele); e pensar, sentir e querer[61].

Na PW leva-se em conta que o Eu de cada criança ou jovem está se encarnando ao longo do seu desenvolvimento, mas não são levadas em conta

---

[56] "SEKEM – sustainable development since 1977." Acesso em 1/9/23: https://sekem.com/en/index/
[57] Ver nota 16.
[58] Waldorf education. Wikipedia. Acesso em 21/8/23: https://en.wikipedia.org/wiki/Waldorf_education
[59] Ver notas 8 e 11.
[60] Ver nota 16, p. 30.
[61] Idem.

encarnações anteriores individuais, simplesmente porque para que isso fosse possível, o professor teria que ser um clarividente bastante avançado. Quanto à "evolução ... racial", essa é uma afirmação totalmente descabida. Na PW não existe em absoluto considerações de raça em relação aos alunos e professores, ou qualquer outro tipo de discriminação. Um professor que mostra preconceitos raciais simplesmente não segue os princípios da pedagogia Waldorf. No Brasil há as escolas Waldorf Anael em Várzea da Roça, interior da Bahia, a Escola Waldorf Horizonte Azul em um bairro de periferia de São Paulo, a Escola Waldorf Araucária em Camanducaia, MG e a Dendê da Serra em Itacaré/Serra Grande, BA (procurar na internet mais informações pelos nomes), apoiadas ou mantidas pelas respectivas prefeituras. Nelas, certamente há uma grande mistura étnica. Há escolas Waldorf em todos os continentes, isto é, em múltiplas etnias[62]; na referência dessa última nota de rodapé há um interessante gráfico de aumento de escolas no mundo todo. Aliás, o Brasil é o país onde há o maior aumento de escolas Waldorf e jardins de infância – estes últimos não são chamados de educação infantil, pois nessa idade as crianças aprendem brincando e não sentadas em carteiras escolares –, tendo ultrapassado a China nesse aumento.

8.2 Vale a pena citar a seguinte frase, típica em sua formulação. [283:1] "[...] O mesmo ['manter-se dentro do que poderia ser chamado de ortodoxia antroposófica'] vale, aliás, para os médicos antroposóficos: o quanto cada profissional, se deixa influenciar e guiar pela visão espiritual de Steiner, em detrimento da boa medicina e das evidências científicas, é uma questão estritamente pessoal." Essa é uma afirmação totalmente incoerente. Um professor Waldorf amplia os conhecimentos pedagógicos pelos princípios da PW, assim como os médicos antroposóficos ampliam seus conhecimentos de medicina pela medicina antroposófica. Ambos usam o que há de bom na 'boa' pedagogia e a 'boa' medicina (isto é, as convencionais), mas não ficam só nelas. Aliás, no caso da educação, a falência muito comum do ensino convencional e o sucesso da PW mostram o que é 'bom'.

8.3 Vale a pena citar que também nesta seção os autores cometem o mesmo erro de antes (cf. 6.1) quanto à constituição humana do ponto de vista antroposófico: [283:3] "A doutrina antroposófica prevê um desdobramento das quatro camadas do ser humano (física, etérea [*sic*], espiritual ou astral, ego)[...]"

8.4 [283:5] "[...] mas escolas que adotam o sistema [a PW] têm sido criticadas em várias partes do mundo por desestimular a vacinação, promover 'curas pseudocientíficas' e, claro, usar os conceitos pseudocientíficos de Steiner sobre reencarnação e o tempo de maturação das diferentes camadas humanas para definir práticas pedagógicas e, em alguns casos, fazer proselitismo antroposófico, promover um 'culto de Steiner' e usar material didático racista. Alguns desses problemas, denunciados principalmente no exterior,

[62] Ver nota 58.

começam também a vir a público no Brasil." O caso das vacinas já foi abordado em 2.1, 2.4 e 6.1. O papel fundamental das escolas Waldorf, como de outras, é ensinar, e não curar; no entanto a Pedagogia Waldorf, por reconhecer o desenvolvimento da criança e do jovem, tratar cada aluno individualmente e ser uma educação sem pressão, até chega a ter efeito terapêutico, inclusive preventivo. Steiner caracterizou a Pedagogia Waldorf como uma medicina preventiva, e a medicina antroposófica como uma terapia educativa.

Escolas Waldorf podem contar com terapeutas, e sua atuação muitas vezes é recomendada por médicos (inclusive médicos escolares antroposóficos, idealmente existentes em cada escola Waldorf, para darem um apoio médico-pedagógico), e necessariamente aprovada pelos pais. Em 8.1 já foi mostrado que o conceito de reencarnação não é usado pedagogicamente. O tempo de maturação de cada membro da constituição suprassensorial de cada jovem é, de fato, levado em conta, e os professores Waldorf experientes podem comprovar como esse conhecimento ajuda a compreender os alunos.

"Proselitismo antroposófico" é uma afirmação totalmente sem cabimento. A antroposofia não é ensinada nas escolas Waldorf, pois Steiner afirmou que a idade ideal mínima para que um jovem adulto entre em contato com ela é de 21 anos. Ele considera que só nessa idade o Eu está plenamente atuante, e o jovem pode usar sua liberdade para escolher que visão de mundo quer adotar. Obviamente, pode haver casos precoces, mas isso é tratado individualmente, e não nas classes de uma escola, e sempre atendendo ao anseio de um aluno. É também importante saber que Steiner jamais fez proselitismo. Escreveu livros e deu palestras simplesmente divulgando suas ideias e os resultados de suas observações do mundo espiritual. Ele poderia ser encarado com um férreo defensor da liberdade, como muito bem exposto em seu livro *A filosofia da liberdade*[63], o que vai contra qualquer proselitismo. Sempre se dirigiu à compreensão dos leitores e ouvintes, e jamais apelou para os sentimentos, como soe acontecer em divulgações de proselitismo. Em geral, para falar sobre a antroposofia a uma pessoa, antropósofos conscientes e experientes deveriam esperar que ela esteja mostrando uma procura por ideias espiritualistas, indicando uma abertura para elas. É experiência geral que não adianta falar sobre questões espirituais para uma pessoa que não está interessada nelas; pelo contrário, o efeito pode ser negativo, no sentido de que essa pessoa pode até desenvolver uma ojeriza para com a antroposofia.

Na antroposofia e nas suas aplicações não existe um "culto a Steiner", pois ela não é uma seita. Ele próprio disse que não se deveria acreditar em suas palavras, e sim procurar comprovar que elas são adequadas, como foi citado no item 2.6. Ele ficaria extremamente revoltado se soubesse que existe um culto à sua pessoa. É óbvio que, como já foi dito no item 4.6, malucos e fanáticos existem em qualquer lugar, mas eles não falam em nome de Steiner

[63] Ver nota 14.

e da antroposofia. Ele disse que não há mais lugar para 'gurus' no mundo moderno, seguidos cegamente, pois isso feriria a liberdade individual.

Quanto ao "material didático racista", há aqui um erro profundo de base: na PW não são usados livros ou apostilas didáticos; cada aluno faz seu próprio caderno de cada matéria que estuda. Esses cadernos são em geral artisticamente decorados, para que sejam agradáveis à vista, de modo que é muito comum os ex-alunos Waldorf guardarem seus cadernos por muitos anos, como lembrança de seus saudosos tempos escolares. Ora, se não são usados livros didáticos, não pode haver "material didático racista". Em matérias de línguas (em geral, todas as escolas Waldorf ensinam duas línguas estrangeiras, além da língua pátria, durante os 12 anos de escolaridade), a partir de certa maturidade dos alunos são usados livros de literatura, mas como material de leitura. Seria interessante desafiar os autores a encontrarem algum material racista em alguma escola Waldorf, começando aqui no Brasil.

9. "Legado"

Nesta última seção do capítulo são tratados diversos assuntos.

9.1 O primeiro é uma suposição do porquê de a antroposofia ter achado muitos simpatizantes no Brasil: [284:2] "Isso provavelmente porque [a antroposofia] tem uma forte compatibilidade com o espiritismo kardecista (Steiner em geral desprezava médiuns e a ideia de buscar contato com os mortos, mas abria exceção para Allan Kardec [aqui há a referência 46 do capítulo], que também falava em sucessivas reencarnações e evolução espiritual) e com a homeopatia, que são as duas formas de 'conhecimento alternativo' mais populares deste país."

De fato, a antroposofia tem tido uma penetração cada vez maior no Brasil, particularmente por meio das suas aplicações mais conhecidas, a Pedagogia Waldorf[64], a medicina[65], as várias terapias antroposóficas (por exemplo, a terapia artística[66]), o aconselhamento biográfico (hoje praticado em muitos países, mas que teve seu grande impulso inicial no Brasil)[67], a agricultura biodinâmica[68], a organização social e empresarial[69] e nas artes, especialmente a euritmia[70]. Mas ela não tem uma "forte compatibilidade com o espírito kardecista". Pelo contrário, as diferenças são enormes. Em primeiro lugar, o espiritismo kardecista emprega mediunismo, o que requer alguma

---

[64] Ver notas 16 e 58,

[65] Ver nota 40.

[66] Associação Brasileira de Terapeutas Artísticos Antroposóficos (ABTAA). Acesso em 24/8/23: https://www.auroraabtaa.com.br/

[67] Associação Brasileira de Aconselhamento Biográfico (ABAB). Acesso em 24/8/23: https://associacaobiografica.org.br/

[68] Ver notas 53-56

[69] Ver nota 26.

[70] Associação Brasileira dos Euritmistas (ABRE). Acesso em 24/8/23: https://www.euritmia.org.br/ e especialmente o vídeo https://www.youtube.com/watch?v=x40Wqx2ozNg

inconsciência do médium. Mesmo na psicografia, o que o médium escreve não provém de sua consciência de vigília; o estilo da escrita não é o seu próprio. Ao contrário, na antroposofia a observação espiritual é feita em plena consciência e controle mental em um estado meditativo. O próprio Kardec (1804-1869) não era médium. Para dar objetividade a suas comunicações, ele formulava perguntas para médiuns, e quando havia concordância nas respostas ele as registrava e colocava em seus livros – cujo formato é de perguntas e respostas. Em segundo lugar, não há comparação entre a descrição do ser humano nas duas correntes. Por exemplo, para o autor desta resenha o conceito de 'perispírito' na obra de Kardec não é claro, ao contrário dos membros suprassensoriais do ser humano segundo a antroposofia[71]. Em terceiro, Kardec teve o grande mérito de falar abertamente sobre reencarnação, mas o seu conceito do que se reencarna não é claro, ao contrário da caracterização do Eu e sua reencarnação segundo Steiner[72], que deu inclusive vários exemplos de reencarnações de personalidades históricas, compreendendo-se assim por que elas tiveram certas tendências[73]. Como foi visto no item 2.3, vale lembrar que o conceito de reencarnação só faz sentido de um ponto de vista espiritualista. Hoje em dia o conceito de reencarnação, como exposto por Steiner, pode ser compreendido, o que possibilita um retorno consciente à espiritualidade, sem a perda da liberdade individual e de tudo o que a humanidade desenvolveu ultimamente de positivo. Um exemplo desse desenvolvimento no mundo foi o extraordinário e recente movimento pelos direitos humanos, que essencialmente é um movimento pela igualdade. Na antroposofia, o que interessa é o que o ser humano tem de transcendente, e não seu aspecto físico material. Na opinião do autor desta resenha, no fundo o que deve ser considerado para se julgar o valor de uma pessoa é a sua produção, pela ordem crescente de importância, as produções física, a intelectual, a artística e a social. A produção social pode ser profissional, como a de um encanador ou de um médico. Infelizmente, as educações básica e superior convencionais dão importância exagerada ao desenvolvimento intelectual, quando não apenas a ele.

A afirmação de que "`Steiner em geral desprezava médiuns`" não está correta. Steiner não desprezava ninguém. Ele apenas caracterizou como os médiuns funcionam do ponto de vista espiritual. Obviamente, há algo de não físico ocorrendo em uma sessão espírita, mas as comunicações daí resultantes não são confiáveis. Segundo Steiner, em uma sessão espírita em que uma pessoa pede para ter contato com uma outra pessoa querida que faleceu, e o médium relata coisas que só a primeira conhecia, pode ocorrer que o médium esteja em contato suprassensorial com a memória da primeira pessoa, já que a memória não é física, pois está no corpo etérico (ver o item 2.6 acima). Uma outra constatação de Steiner é que os médiuns observam um nível muito baixo do mundo espiritual.

---

[71] Ver notas 4, 8 e 45.

[72] Ver notas 4, 12 e 45.

[73] Steiner, R. *Observações esotéricas de relações cármicas – primeiro volume*. GA 235. Trad. S.A.L. Setzer. São Paulo: Antroposófica, 2023. Em inglês (acesso em 28/8.23): https://rsarchive.org/Lectures/GA235/

A afirmação de que Steiner "desprezava a ideia de buscar contato com os mortos" também não está correta. Ele não recomendava um contato mediúnico com os mortos, mas sim um contato consciente como, por exemplo, lerem-se textos espirituais pensando-se nos falecidos, pois isso ajuda esses últimos em seu longo caminho no mundo espiritual, depois da morte.

É interessante notar que a referência 46 do capítulo é da história das correntes espiritualistas recentes[74], que obviamente inclui o espiritismo. Como se pode ver nela, Steiner simplesmente não elogia Kardec, como os autores do livro dão a entender.

Quanto ao fato de que Steiner "abria exceção", em seu pretenso "desprezo pelos médiuns, para o espiritismo kardecista e a homeopatia, que são as duas formas de 'conhecimento alternativo' mais populares deste país", provavelmente o movimento da agricultura orgânica, não antroposófico, que não deixa de ser alternativo, é ainda o mais difundido; mas nesse sentido talvez compita com o crescente vegetarianismo. Note-se ainda que muitos medicamentos antroposóficos, fabricados pelas farmacêuticas Weleda (com indústria em São Paulo), Walla e Sirimim (esta última, um desenvolvimento exclusivamente brasileiro), são também diluídos como na homeopatia, no entanto a maneira de diluir é totalmente diferente, além de serem usadas diluições que são potências de 10 ('D', 1:10) que chegam apenas até a D30, com raríssimas exceções. Na homeopatia são usadas outras potências, de base centesimal hahnemanniana ('CH', 1:100), inclusive muito mais altas, indicadas pelo inventor da homeopatia, Samuel Hahnemann (1755-1843). A antroposofia esclarece o que atua de maneira não física nos medicamentos com alta diluição, em que não há teoricamente nenhuma molécula da substância que foi diluída.

9.2 [284:3] "Além disso, ao rejeitar os elementos asiáticos, budistas e hinduístas, da teosofia e reservar em sua doutrina um espaço de honra para a figura de Cristo, Rudolf Steiner, mesmo sem saber, fez da antroposofia um sistema mitológico bem adaptado ao gosto brasileiro por cristianismos sincréticos e esotéricos." Em primeiro lugar, Steiner não estava de acordo com a influência espiritual de guias orientais nas últimas atuações da Mme. Blavatsky, mas não rejeitava os elementos citados, pelo contrário, ele explicou detalhadamente muitos de seus profundos significados esotéricos, por exemplo em[75]. Em segundo lugar, do ponto de vista da antroposofia de fato a entidade Cristo é central na evolução da humanidade. Steiner foi o único a discorrer extensa e originalmente sobre o Cristo, inclusive mostrando como nele convergiram correntes espirituais essenciais da humanidade, como o budismo, o

---

[74] Steiner, R. "The History of Spiritism". *In Spiritual soul instructions and observation of the world*. GA 52. Trad. F. Dawson. Palestra de 30/5/1904. Em inglês (acesso em 24/8/23): https://rsarchive.org/Lectures/GA052/English/eLib2013/19040530p01.html

[75] Steiner, R. *O Bhagavad Gita e as epístolas de Paulo*. GA 142. Trad. S.A.L. Setzer. São Paulo: Antroposófica, 2021. Em inglês (acesso em 28/8/23): https://rsarchive.org/Lectures/GA142/

zoroastrismo e o hermetismo originais[76]. Além do ciclo de palestras sobre o Evangelho de Lucas mencionado nessa última nota de rodapé, Steiner deu profundos ciclos sobre os outros evangelhos (inclusive dois sobre o de João), todos traduzidos e editados pela Editora Antroposófica. Somente estudando esses ciclos pode-se ter uma concepção do que o Cristo significou e significa para Steiner e para a humanidade. Mas é muito importante saber que o Cristo da antroposofia não é precisamente o mesmo de quase todas igrejas cristãs. Não se deve de modo algum tomar o que elas dizem sobre o Cristo como sendo aquilo que é compreendido pela antroposofia sobre essa entidade, principalmente lembrando que essas igrejas se dirigem para os sentimentos, e não para a compreensão conceitual. Em particular, Steiner explica claramente porque o Evangelho de João é tão diferente dos outros três, os sinóticos, bem como a razão de os inícios dos Evangelhos de Lucas e de Mateus serem completamente diferentes[77] e porque, ao contrário desses, os de Marcos e João começam não no nascimento de Jesus, mas no batismo no Jordão – e o profundo significado deste último evento.

A afirmação de Steiner ter feito "um sistema mitológico" é totalmente descabida. Todos os mitos são imagens, símbolos, em geral para realidades espirituais, e a antroposofia não é transmitida por imagens, pois é cultivada por meio de conceitos. De fato, ela pode ser considerada uma boa teoria pois é transmitida por conceitos, é extremamente abrangente, fornece uma visão original do desenvolvimento histórico e filosófico da humanidade, explica muito do que a ciência materialista não consegue explicar, é coerente, não contradiz fatos científicos e tem aplicações práticas de sucesso. Segundo Steiner, os antigos mitos existiam porque as pessoas ainda não tinham a capacidade de conceituação como foi adquirida posteriormente, principalmente depois do início do séc. XV. Não eram historinhas inventadas, e sim imagens para acontecimentos espirituais. Ele explicou muitos mitos e lendas. A antroposofia possibilita uma compreensão profunda desses mitos e lendas, como se pode ver na obra de Sonia A.L. Setzer (1945-) sobre a lenda de Parsifal[78].

Finalmente, neste item, ao afirmarem que a "antroposofia é um sistema ... bem adaptado ao gosto brasileiro por cristianismos sincréticos e esotéricos", os autores estão classificando a antroposofia como um cristianismo sincrético. A verdade é que o cristianismo da antroposofia tem pouquíssimo em comum com outras correntes cristãs, como já foi dito acima. A sua originalidade elimina totalmente a classificação dela como um sincretismo, isto é, utilizar-se de outras correntes para compor a sua. Mas para se reconhecer isso, é necessário estudar pelo menos os ciclos dos evangelhos de Steiner, dos quais o de Lucas já foi mencionado. A afirmação de que o brasileiro tem um gosto por correntes esotéricas pode realmente ser um fato, mas provavelmente isso é devido ao espiritualismo contido em

[76] Ver nota 38.
[77] V. nota 37.
[78] Setzer, S.A.L. *PARSIFAL - Um precursor do ser humano moderno*. São Paulo: Antroposófica, 2ª ed. 2012.

outras correntes, como as de origem africana, que ultimamente têm sido muito respeitadas, ao contrário do que acontecia no passado devido ao combate a elas por algumas confissões cristãs. Representando a antroposofia, o autor desta resenha participou ativamente de uma organização ecumênica, onde religiões e correntes espiritualistas eram igualmente respeitadas e tinham a mesma participação.

9.3 [284:4] "Defensores contemporâneos do legado de Steiner costumam minimizar o papel de suas ideias místicas e ocultistas mais obviamente ridículas, além de seu racismo, e buscam apontar um suposto 'sentido mais profundo' em seu trabalho – uma linha comum é negar que ele fosse racista e atribuir a acusação a leituras 'superficiais' ou 'fora de contexto' dos textos do guru..." Em seguida, é apontado o historiador Peter Staudenmaier, cuja obra será comentada no item 9.4. Ele já foi citado em 5.6.

Em primeiro lugar, "Defensores contemporâneos do legado de Steiner" não têm necessidade de "minimizar o papel de suas ideias". Quem não as reconhece como válidas, não é um simpatizante ou "defensor" de Steiner, pois quem estuda a obra dele só pode ter confiança na veracidade de suas revelações pela sua coerência, profundidade, abrangência, conceituação, por explicar vários fenômenos que não são objeto da ciência convencional, e pelas aplicações práticas de sucesso.

Um misticismo é uma corrente espiritualista que se dirige aos sentimentos, e não à compreensão conceitual como é caso da antroposofia (cf. o item 2.2 acima). A antroposofia não é um misticismo e Steiner não foi místico. No item 2.6 já foi explicado em que sentido Steiner usa a expressão "oculto".

Quanto às ideias de Steiner "mais obviamente ridículas", no item 10.3 será feita uma suposição do porquê os autores terem feitos esse e outros tipos de acusação. Só para começar, as centenas de milhares de alunos e de ex-alunos de escolas Waldorf, e seus pais, em uma grande quantidade de países, certamente não diriam que a Pedagogia Waldorf foi ridícula. Ela é em toda a sua base e estrutura resultante das ideias de Steiner. Talvez fosse interessante mencionar um caso pessoal. No dia 23/8/23 a esposa do autor desta resenha esteve fazendo Pilates em uma academia. A instrutora, radiante de felicidade, contou-lhe que seu filho de 3 anos tinha acabado de ser aceito numa escola Waldorf para o ano de 2024. Certamente essa mãe não acha que a Pedagogia Waldorf seja ridícula, pelo contrário, ela deve achar que é o melhor método educacional disponível. Foi feito um levantamento interessante com 100 ex-alunos da Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, a mais antiga (existente desde 1956) e maior do Brasil; pelas respostas, certamente todos diriam, se fossem perguntados, que seu ensino não foi ridículo[79].

[79] Ribeiro, W. e J. Pablo. "Sete Mitos de Inserção do ex-Aluno Waldorf". Acesso em 26/8/23: https://www.sab.org.br/antroposofia/textos-e-v%C3%ADdeos/artigos/sete-mitos-da-inser%C3%A7%C3%A3o-social-do-ex-aluno-waldorf

No Brasil há centenas de médicos que fizeram os cursos de formação em medicina antroposófica – isso depois de todos terem se formado em medicina em faculdades convencionais, inclusive nas mais conceituadas do país. Um caso pessoal: a esposa do autor desta resenha foi médica antroposófica atuante durante 40 anos, foi 28 anos médica escolar antroposófica na Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo (a mais antiga do país, e única com classes duplas em todas as séries), formou-se na Faculdade de Medicina da USP e fez especialização em medicina antroposófica na Suíça. Na Alemanha há uma faculdade de medicina antroposófica, obviamente reconhecida pelo governo. Esses médicos que fizeram o curso de formação certamente não acham que a medicina antroposófica seja ridícula. Idem para os agricultores que empregam a agricultura biodinâmica, e assim por diante.

Há cerca de 42.000 pessoas em todo o mundo registradas como membros na Sociedade Antroposófica Geral[80], cuja sede fica no Goetheanum, em Dornach, Suíça, e a estimativa é de que há 1 milhão de simpatizantes no mundo. Há sociedades antroposóficas regionais oficiais (isto é, registradas na Sociedade Antroposófica Geral) em cerca de 50 países, e mais outros 50 com sociedades informais. Todas as pessoas envolvidas nesse movimento certamente também não diriam que a antroposofia é ridícula. Mas para não ter essa impressão, simplesmente por se ter lido um trecho ou outro de Steiner ou de praticantes da antroposofia, sem base para os compreender, ou copiar afirmações de detratores, é necessário ter um razoável conhecimento da antroposofia, uma visão geral do que ela é, o que certamente não é o caso dos autores do livro, como ficou mostrado em 6.1 e em 8.3 pelo erro em um ponto fundamental, a constituição suprassensorial do ser humano, fora muitas afirmações do capítulo que simplesmente não se aplicam.

9.4 Algumas palavras sobre Staudenmaier, citado em [278:2] e em [284:4]. Em uma resenha do livro do professor da Universidade de Harvard Dan McKanan *Echo-alchemy – Anthroposophy and the history and future of environmentalism*[81], Frederick Amrine, professor titular da Universidade de Michigan em Ann Arbor (autor de dois livros traduzidos pelo autor desta resenha), escreve o seguinte (na referência bilíngue[82] pode-se ler o original dele):

> "Steiner diz muitas vezes em muitos lugares que devemos aspirar a eliminar os preconceitos raciais e nacionais. Ele anseia por um futuro em que a raça desaparecerá. Isso não desculpa o número muito pequeno de comentários surpreendente e bizarramente racistas de Steiner, e eu, pelo menos, não tenho problemas em rejeitá-los completamente. Mas para alguém de sua geração, Steiner era, no geral, muito esclarecido sobre raça. A alegação de Peter Staudenmaier [em seu livro *Between Occultism and Nazism: Anthroposophy and the*

[80] Sociedade Antroposófica Geral. Número de membros. Acesso em 24/8/23: https://goetheanum.ch/en/society

[81] Ver nota 53.

[82] Amrine, F. https://drive.google.com/file/d/1tMODknQF3wZQBoB4SJLpmEkucWHggPNX/view

Politics of Race in the Fascist Era] de que a antroposofia estava ligada pela raça ao fascismo por meio de 'sua familiaridade, sua participação em e influência nas correntes culturais centrais da época' (p. 199) é ridícula à primeira vista: Steiner não pode ser considerado culpado por essa associação, especialmente porque ele nadou contra as correntes culturais em tantos aspectos. Isso nos leva à crítica de Staudenmaier à antroposofia. Fiquei muito triste ao ler [no livro de McKanan]: 'As publicações acadêmicas de Staudenmaier exibem ainda mais nuances e contêm percepções que os estudantes de antroposofia fariam bem em considerar' (p. 274).

Staudenmaier é um marxista extremamente maniqueísta que não tem paciência para com visões de mundo não marxistas. O livro de Staudenmaier, *Between Occultism and Nazism* [Entre o ocultismo e o racismo], dedica apenas o primeiro de seus nove capítulos ao próprio Steiner, e ele pinta Steiner não tanto como um racista quanto como um nacionalista alemão, 'o salvador da Alemanha'. Essa é uma acusação ridícula que é facilmente refutada: examinem-se seus 'livros básicos' e outras obras fundamentais, como as Máximas Antroposóficas[83], e se descobrirá que a palavra *Deutsch* [alemão] nem mesmo aparece."

Aproveitando essa parte da resenha do livro do McKanan, vale a pena citar este último e voltar à questão do racismo de Steiner. Na p. 197 do livro do primeiro[84] lê-se, em tradução livre: "A inferência que interpretações racistas [da obra de Steiner] são necessariamente falsas é justificada somente se a oposição ao racismo era parte da ética de Steiner. E, de fato, ele incluiu o preconceito racial em uma lista de qualidades negativas das quais os estudantes do espírito devem se precaver: 'Além de raiva e irritação, devemos lutar contra outras características, tais como medo, superstição, preconceito, vaidade, ambição, curiosidade, o impulso de fofocar e a tendência de discriminar na base de outras características como condição social, gênero, raça etc.' ".

Note-se que na nota de rodapé 21 a citação de Steiner no item 2.7 foi resumida.

9.5 [284:5] "A tentativa de reconfigurar Steiner como filósofo/educador – nos moldes de, digamos, Maria Montessori, Jean Piaget ou Paulo Freire [...]" Não há necessidade de "reconfigurar Steiner como educador", pois na opinião do autor desta resenha ele foi o maior e mais importante educador que já existiu. As milhares de escolas Waldorf no mundo, o crescimento delas no Brasil, como foi dito, chegando a

[83] Steiner, R. *Anthroposofische Leitsätze – Der Erkenntnisweg der Anthroposophie* [Máximas antroposóficas – o caminho de conhecimento da antroposofia]. GA 26. Basel: Rudolf Steiner Verlag, 11ª ed. 2013. Em inglês: *Anthroposophical Leading Thoughts*. Trad. G. e M. Adams. Forest Row: Rudolf Steiner Press, 2007. Também em (acesso em 25/8/23) https://rsarchive.org/Books/GA026/

[84] Ver nota 53.

300, o crescimento mundial[85] evidencia que Steiner foi um grande educador. Não há comparação entre ele e os outros citados. Nenhum deles baseou seu próprio método educacional (quando realmente existiu) em uma concepção tão abrangente, profunda, prática e efetiva quando a que Steiner estabeleceu para o desenvolvimento infantil e juvenil. Ele estabeleceu um currículo escolar baseado nessa concepção, e mostrou como se poderiam ensinar várias matérias. Vale a pena citar um exemplo: as aulas de física deveriam ser dadas em períodos de três dias; isso se aplica também em outras matérias com experiências práticas. No primeiro dia, somente se mostra uma experiência, e os alunos a observam atentamente, de todos os lados. No segundo dia, retira-se a experiência e os alunos devem descrevê-la e desenhá-la artisticamente (como tudo na Pedagogia Waldorf...) em seu caderno da matéria. Somente no terceiro dia o professor explica conceitualmente o fenômeno e apresenta as fórmulas que preveem o resultado dos experimentos; essa parte teórica formal é adequada ao ensino médio. Assim, quando chega a parte intelectual, os alunos vivenciaram os fenômenos, entraram em seus detalhes e durante o sono seu inconsciente elaborou tudo isso. Ao se apresentar a teoria, ela faz sentido. Pelo contrário, o ensino convencional começa com a teoria e depois são dados exemplos e são feitos os experimentos, se é que estes últimos são feitos. Quanto aos outros educadores citados no capítulo, Piaget ocupou-se apenas dos aspectos cognitivos, ao passo que Steiner abordou todos os aspectos do desenvolvimento: o agir (fazer), o emotivo e o intelectual, durante toda a escolaridade. Um artigo à disposição no PsycNet da American Psychological Association mostra paralelismos entre Piaget e Steiner[86] – em exemplo de como Steiner é considerado seriamente como educador (e também em outras áreas!). Como os conceitos desse último foram muito mais abrangentes, ele ultrapassa de longe os moldes de Piaget. E muito mais os de Montessori e ainda mais de Paulo Freire.

9.6 [284:5] "[...] ele [Steiner] nunca foi levado a sério fora de seu círculo de fãs esotéricos." Sim, por uma razão muito simples: falta de um conhecimento razoável de antroposofia e de suas aplicações, e preconceito, que será abordado no item 10.3.2.

Talvez a expressão "fã" não seja má. Quem lê as obras de Steiner e a dos praticantes da antroposofia, e conhece as suas múltiplas aplicações, não pode deixar de criar uma profunda admiração por ele, por suas ideias e por suas aplicações, ambas profundamente humanistas. Talvez seja difícil achar outra pessoa com um humanismo tão abrangente.

9.7 [285:1] Essa página começa com a opinião de dois detratores de Steiner e da antroposofia. Um, ninguém menos do que o famoso filósofo Walter Benjamin (1892-1940) que "não hesita, num ensaio publicado em 1932,

---

[85] Ver nota 58.

[86] Guinsburg, I.H. "Jean Piaget and Rudolf Steiner: Stages of child development and implications for pedagogy." Teachers College Record, 84(2), 327–337, 1983. Acesso em 24/8/23: https://psycnet.apa.org/record/1983-28930-001

em referir-se a Steiner como 'farsante', a seus pronunciamentos como 'asneiras oleaginosas' e em tratar a antroposofia como prova do 'fracasso da educação'".

O ensaio de Benjamin citado pelos autores (em sua referência 47 no fim do capítulo) é uma resenha do primeiro de um livro de Hans Liebstoeckl (1872-1934) cujo título, em tradução livre, é *As ciências ocultas à luz de nosso tempo,* de 1932[87]. Benjamin mostra preocupação com o que ele considera ser o declínio da educação europeia:

> "Qualquer pessoa que trate de explicar a crise que se abateu sobre a educação geral nas últimas décadas tornar-se-á consciente de que o processo é descrito de forma inadequada em termos da alienação da Europa em relação ao mundo das obras e das tradições de seu apogeu, ao definhamento das humanidades, ao colapso do conhecimento dos idiomas clássicos. Pois a educação geral não está simplesmente desaparecendo sem deixar traços. Vista mais de perto, ela está sendo corroída." (p. 654-655, em tradução livre).

Mas no texto de Benjamin essas frases não se referem especificamente a Steiner! Realmente, ao instituir a Pedagogia Waldorf, Steiner eliminou o ensino de latim e grego, comum naquela época, e ainda presente em certos ensinos médios na Alemanha. Talvez isso tenha irritado Benjamin. Uma outra possível causa de sua antipatia contra Steiner e a antroposofia podem ter sido as inclinações do primeiro pelo misticismo judaico e pelo marxismo.

As tais "asneiras oleaginosas" não são uma tradução correta, pois no original está "oleaginous gibberish", que poderia ser traduzida como 'tagalerice oleaginosa'. A frase de Benjamin é

> A tagarelice oleaginosa dos falsos profetas (para nos determos neles por um momento) pode ser facilmente entendida como um resíduo da grande filosofia do humanismo que anteriormente constituía parte integrante da educação geral, juntamente com as ciências exatas [*hard sciences*]." (p. 655).

É apenas em seguida a essa frase que Benjamin cita a antroposofia, mas usando frases de Liebstoeckl citando outros autores, entre eles Max Dessoir (1867-1947), o introdutor da expressão 'parapsicologia'. Em seguida, Benjamim acusa os espiritualistas de fazerem propaganda e terem motivações econômicas, o que de modo algum se aplica a Steiner e à antroposofia. Por exemplo, nenhuma escola Waldorf filiada à Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB) tem pessoas como proprietários ou tem fins lucrativos.

---

[87] Benjamin, W. "Light from obscurantsits". *In Selected writings Vol. 2, part 2, 1931-1934*. Jennings, M.W., H. Eiland e G. Smith, eds. Trad. desconhecido. Cambridge: Harvard Univ. Press, 2005, pp. 653-657. Acesso em 27/8/23: https://dehiscence.noblogs.org/files/2022/06/benjamin-selected-writings-vol-2-2.pdf

Quanto a "farsante", no ensaio citado de Benjamin não foi encontrada essa expressão, muito menos em relação a Steiner.

9.8 [285:1] "[...] Outro importante crítico cultural da Alemanha entreguerras, Sigfried Kracauer, refere-se à antroposofia como uma doutrina inadequada para 'pessoas de reflexão'". A referência 48 dada a essa frase não é um texto de Kracauer (1889-1966), mas de Christophe van Gerrewey (1982-). Nessa referência[88],não há nenhuma ocorrência de 'antroposofia', e há apenas uma ocorrência de 'Steiner', em tradução livre:

> "Tanto Benjamin quanto Kracauer detectam um rompimento com a tradição, resultando em uma proliferação de soluções, de pseudo-religiões e de pseudociências parecidas [as duas últimas] com a *new age* – Kracauer se refere à doutrina antroposófica de Steiner, Benjamin à astrologia e à ioga. A diferença entre as duas é igualmente importante."

A antroposofia não é uma religião, pois ela não tem cultos e nem dogmas. Se por pseudo-religião Gerrewey quer dizer espiritualismo, está correto. Quanto a pseudociência, veja-se o item 2.2 acima. Agora, Steiner e a antroposofia não têm quase nada em comum com o movimento *new age*, muito posterior a Steiner, pois começou na década de 1970. Mas talvez seja possível encontrar alguns pontos de convergência, por exemplo o espiritualismo e a prática de meditação, se bem que a meditação antroposófica é muito diferente de outros tipos. Ao contrário da antroposofia, o movimento *new age* teve forte influência oriental. O esoterismo do movimento *new age* pode ser caracterizado como místico, pois não se dirige à compreensão por meio de conceitos, ao contrário da antroposofia.

A expressão "doutrina inadequada para 'pessoas de reflexão'" não foi encontrada no texto de Gerrewey. Toda a obra de Steiner, começando pelo seu livro seminal, *A filosofia da liberdade*[89], exige muita reflexão, e todos os antropósofos e simpatizantes com a antroposofia necessariamente são pessoas de reflexão. A cosmovisão de Steiner pode ser "inadequada", mas somente para quem não tem abertura para assuntos espiritualistas, ou seu espiritualismo é sentimental, não buscando compreender o mundo espiritual.

Vale a pena chamar a atenção para um interessante artigo de Spyros Petriakis, com um detalhado histórico da relação de Steiner com as artes pictóricas, e que no começo traz as citações aqui mencionadas de Benjamin e Kracauer[90].

---

[88] Gerrewey, C. van. "'Those Who Wait'. Siegfried Kracauer, architecture and the 21th-century precariat". *I*n anais do *European Architectural History Network. Fourth International Meeting. Dublin, 2016*. Acesso em 27/8/23: https://infoscience.epfl.ch/record/22449

[89] Ver nota 14.

[90] Petritakis, S. "Rudolf Steiner's engagement with contemporary artists' groups: art-theoretical discourse in the anthroposophical milieu in Germany in the early 20th century." *Journal of Art Historiography* Nº 19, Dec. 2018, pp. 1-33. A referência está nas pp. 1 a 3. Acesso em 27/8/23:

9.9 [285:3] "Embora considere que a antroposofia ainda deve ao mundo uma crítica aberta e sincera do racismo esotérico de seu fundador (o que algumas escolas Waldorf já fizeram, ainda de que forma tímida) [...]"

Em primeiro lugar não houve "racismo esotérico" por parte de Steiner. McKanan cita um extenso estudo feito na Holanda de toda a obra de Steiner, procurando-se passagens que poderiam ser consideradas racistas hoje em dia[91]. Vale a pena transcrever esse trecho de McKanan, em tradução livre:

> "Em 2000, o Council of the Anthroposophical Society in the Netherlands [Conselho da Sociedade Antroposófica na Holanda] publicou um relatório de 720 páginas como resposta a alegações de racismo, no qual ele reconhece a existência de 16 passagens nas obras de Steiner que 'poderiam ser uma violação da proibição de discriminação racial do Código Civil da Holanda, se fossem promovidos hoje em dia.'. [...] Ao mesmo tempo, o relatório chamou a atenção para a crítica de Steiner contra o preconceito racial e detonou [*blasted*] a 'indignação seletiva' de seus críticos."

Infelizmente o *link* fornecido por McKanan não leva ao relatório, mas o *Frankfurter Memorandum*[92] citado no fim do item 2.8 tem um resumo do mesmo.

A revista eletrônica *Southern Cross Review* já mencionada no item 2.8 acima, traz um artigo refutando as alegações de racismo de Steiner, e cita trechos do relatório holandês[93]. Neste, é mencionado que a obra completa de Steiner (seus escritos e as mais de 6.000 palestras) perfazem 89.000 páginas. Digamos que cada uma daquelas 16 passagens está em uma página. Isso significa 16 páginas em 89.000, o que é totalmente desprezível. Se se considerarem frases, supondo 10 frases por página, seriam 16 frases em 890.000 frases no total. Dar importância a essas 16 páginas ou frases, em lugar de se considerar o espírito do todo da obra, é algo realmente ridículo, uma verdadeira bobagem. Muito mais importante é reconhecer que Steiner era absolutamente antirracista, como foi citado no item 2.7, na lista de suas declarações nas alíneas 3, 4 6 do item 2.8[94] e nas publicações aí citadas[95]

Mas o ponto mais importante é o seguinte: as instituições antroposóficas hoje em dia são racistas ou discriminatórias? Os autores do capítulo não citam nenhum caso nesse sentido. Assim, as escolas Waldorf não deveriam se preocupar em reconhecer qualquer interpretação de racismo por parte de Steiner e perder tempo em se declarar contra isso. Deveriam, sim, colocar em seus folhetos e em seus *sites* que não admitem nenhum tipo de

---

https://arthistoriography.files.wordpress.com/2018/11/petritakis.pdf

[91] Ver nota 53, p. 203.

[92] Ver nota 25.

[93] House, R. "A refutation of the allegation of racism against Rudolf Steiner". *Southern Cross Review 74*, Jan-Feb 2011. Acesso em 27/8/23: https://southerncrossreview.org/74/house-racism.html

[94] Ver nota 23.

[95] Ver notas 24 e 25.

discriminação, seja racial, étnica, religiosa, política, de nacionalidade, ou socioeconômica. O importante é como elas – e outras instituições antroposóficas – agem hoje dia. Se em alguma delas houver qualquer racismo ou discriminação, não deveria ser chamada de instituição antroposófica, e estaria usurpando essa denominação.

Note-se ainda que houve grande mudança nos costumes e na ética relativos a questões raciais e de gênero. Por exemplo, até há algumas décadas ninguém achava estranho que se usasse 'o homem' referindo-se a toda a humanidade; ninguém estranhava que se usassem expressões masculinas, como por exemplo 'Todos os leitores desta resenha ...'. Hoje em dia talvez fosse mais politicamente correto usar 'a humanidade' do que 'o homem' e 'Todas as pessoas que leem esta resenha...". Não se pode exigir de Steiner que se amoldasse a novos costumes surgidos dezenas de anos após sua morte.

9.10 Felizmente, o fim do capítulo está sendo atingido. [285:4] "Submeter textos que dizem e propõem atrocidades à reinterpretação criativa [...]". Os textos mencionados pelos autores foram suficientemente rebatidos. Atribuir "textos que dizem e propõem atrocidades" a Rudolf Steiner é simplesmente uma calúnia gratuita, como foi mostrado nesta resenha.

O capítulo termina com "Não há, *a priori*, motivos para que o mesmo processo ['textos ... suavizados por meio de interpretação e contextualização'] não possa 'salvar' a antroposofia de seus problemas conceituais e práticos mais salientes. A questão que fica é: mas salvar para quê?" As aplicações práticas introduzidas por Steiner poderiam ter mostrado para os autores, se eles tivessem tido abertura para examiná-las a fundo, e talvez ter lido os livros básicos de Steiner, antes de criticá-lo, que não há os tais 'problemas conceituais e práticos', que tudo está funcionando muito bem e se expandindo, trazendo alguma esperança para uma real humanização da humanidade. Não vale a pena rebater mais essas diatribes finais. O autor desta resenha chega a se questionar se deveria ter levado as anteriores a sério.

10. Conclusões

10.1 Resumo das críticas

A tabela a seguir cita as críticas, mostra em que itens desta resenha elas foram citadas e contestadas e um resumo da contestação, ou em que itens os verbetes ocorrem. A ordem é a do aparecimento no capítulo do livro. A palavra 'antroposofia' será abreviada por 'A.' e Rudolf Steiner por RSt.

	Crítica	Itens	Contestação
1	Vacinas	2.1, 2.4, 6.1, 8.4	RSt, ABMA e FEWB foram a favor
2	A. como filosofia	2.2	A A. não é simplesmente uma filosofia, pois tem aplicações práticas em todas as áreas do conhecimento
3	A. e religiosidade, religião	2.2, 9.8	A A. leva a uma religiosidade, mas não é religião
4	A. como pseudociência	2.2, 2.6, 3.2, 8.4, 9.8	A A. é uma extensão da ciência convencional e reconhece todos os fatos científicos; essa extensão não é objeto da ciência convencional, pois não é física
5	Limpeza do carma	2.2, 2.3, 2.4	O carma serve para se progredir moral e espiritualmente; não há "limpeza do carma"
6	Atlântida	2.2, 5.5	A ciência não tem nada a dizer sobre ela
7	Reencarnação	2.2, 2.7. 2.10, 4.6, 8.1, 8.4, 9.1	RSt estabeleceu um novo conceito de reencarnação, parte essencial de sua cosmovisão
8	RSt como racista, raças	2.3, 2.4, 2.7, 2.8, 2.9, 2.10, 3.2, 4.1, 4.3, 4.4, 4.5, 4.6, 8.1, 8.4, 9.4, 9.9	Repetidamente, RSt disse que o conceito de raça não deve mais ser aplicado hoje em dia; qualquer interpretação de racismo por RSt não combina com o total de sua obra
9	Obras de RSt editadas para o consumo público	2.5	Isso contraria totalmente o espírito da A.; não se pode generalizar tradutores não fiéis ao original
10	RSt não foi um filósofo	2.6, 9.5	Uma parte importante da obra de RSt é filosófica, inclusive sobre a história da filosofia
11	RSt não foi um educador	2.6, 9.5	As milhares de escolas Waldorf no mundo provam o contrário; não há outro método pedagógico mais abrangente do que a Pedagogia Waldorf
12	RSt como líder messiânico	2.6	RSt cultivou de maneira total a liberdade das pessoas, jamais impôs algo; afirmou que não se deveria acreditar em suas revelações, mas procurar comprová-las

13	Afinidade com a mitologia racial do nazismo, associação com o nazismo	2.9, 4.6	RSt e a antroposofia foram perseguidos pelo nazismo; além disso, ele era contra considerações raciais e qualquer totalitarismo
14	RSt foi genocida, genocídios, propôs atrocidades	2.10, 2.11, 4.4, 9.10	RSt afirmou que os povos originários tendem a desaparecer se não conseguem absorver a cultura dos 'colonizadores', mas não que deviam ser eliminados; os autores claramente não leram a referência que os levou à acusação de RSt ser genocida.
15	RSt como defensor da supremacia branca	2.6, 2.7	Não está de acordo com as repetidas declarações de RSt de que as raças não têm mais importância hoje em dia
16	RSt como ocultista	2.6	RSt usa 'oculto' no sentido de não ser acessível aos sentidos físicos, como p.ex. os sentimentos, e o que é suprassensorial
17	RSt baseou-se na teosofia	4.3	Errado; o enfoque de RSt é muito mais conceitual e suas revelações são muito mais abrangentes; há alguns pontos em comum, pois a verdade espiritual é uma só.
18	O Eu humano é chamado de ego	4.6, 6.1, 8.3	As traduções em inglês, usadas pelos autores, usam Ego, em português é usado Eu
19	A. como ciência em pé de igualdade com ciências naturais e humanas	5.1, 5.3, 5.4, 6.1	A 'ciência do espírito' reconhece todos os fatos científicos, e estende a ciência natural. Os testes da ciência natural não podem ser aplicados aos fenômenos espirituais
20	Corpos etérico e astral com mesma realidade que braços e pernas	5.2	Os primeiros não são físicos, portanto não podem ter a mesma realidade que os segundos
21	Contradição com fatos históricos documentados	5.5	Não há essa contradição
22	A. é uma coleção de delírios	5.6	A coerência da A. e as suas aplicações práticas de sucesso mostram que não é fruto de delírios.
23	RSt tinha os preconceitos de sua classe social e de sua época	5.6, 6.1	RSt não pertencia a uma classe social especial ou privilegiada; ele alertou inúmeras vezes que não se deve ter preconceitos
24	trimembração do ser humano	6.1, 8.3	Errada como citada no capítulo

25	RSt foi um ego monumental	7.1	Essa ofensa não combina com a vida e a obra de Steiner
26	RSt devia ter dito "não sei", ao ser convidado para dar um curso de agricultura	7.1	Desse curso se desenvolveu a agricultura biodinâmica, que se espalhou por 55 países; dela se originou a agricultura orgânica; portanto, Steiner sabia muito sobre agricultura, devido ao seu profundo conhecimento universal
27	Na agricultura, RSt preconizava atividades mágicas	7.1	Não são atividades mágicas, mas aplicadas fisicamente; os preparados geram 'substâncias' que não são físicas; agricultores são práticos: se as atividades não funcionassem, eles as abandonariam
28	Escolas Waldorf promovem 'curas pseudocientíficas'	8.4	Escolas Waldorf não promovem curas, educam
29	Escolas Waldorf fazem proselitismo antroposófico	8.4	Não se fala de antroposofia no ensino básico; na A. não existe proselitismo
30	Escolas Waldorf promovem um culto a RSt	8.4	Não existe culto a RSt nas escolas e em lugar nenhum
31	Escolas Waldorf usam material didático racista	8.4	Essas escolas não usam material didático, a menos de literatura
32	A A. tem forte compatibilidade com o espiritismo kardecista	9.1	O espiritismo, seja o kardecista ou outros, usa o mediunismo, que não é uma forma empregada na A; não se pode confiar na transmissão dos médiuns, pois não estão plenamente conscientes em suas observações
33	RSt desprezava o contato com os mortos	9.1	RSt repetidamente recomendou que se ajudasse os mortos, p.ex. lendo-se textos espirituais para eles
34	RSt desprezava os médiuns	9.1	RSt jamais desprezou alguém; ele criticou ideias
35	RSt rejeitava elementos asiáticos, budistas e hinduístas	9.2	RSt deu muita importância a esses elementos na história da humanidade
36	RSt fez da A. um sistema mitológico	9.2	Mitos são imagens, símbolos de realidades espirituais; a A. é um sistema conceitual; às vezes imagens são usadas para ilustrar os conceitos

37	RSt teve ideias místicas e ocultistas ridículas	9.3	RSt não foi um místico; só pode achar suas ideias ridículas quem não conhece sua obra e suas aplicações
38	Compara RSt como educador a Montessori, Piaget e Paulo Freire	9.5	Nenhum deles baseou sua pedagogia na evolução da criança e do jovem com a extensão e profundidade de RSt
39	RSt nunca foi levado a sério fora dos seus fãs esotéricos	9.6	Sim, por falta de conhecimento ou de preconceito contra suas obras e aplicações, e contra o espiritualismo
40	Para Walter Benjamin, RSt foi um farsante e seus pronunciamentos são asneiras	9.7	Isso não foi achado na referência dada pelos autores; Benjamin estava preocupado com a educação se afastar da educação clássica tradicional, o que de fato aconteceu com a Pedagogia Waldorf.
41	Cita autor que disse que A. é inadequada a pessoas de reflexão	9.8	Não foi encontrado na citação; o estudo da A. é só para pessoas com boa capacidade de reflexão
42	A A. pode ser salva; mas para quê?	9.10	Não há nada para ser 'salvo' na A.; todos os praticantes da A. e suas aplicações podem dizer para que ela serve, pois estão satisfeitos, senão a abandonariam

10.2 Observação geral

Chega a ser paradoxal que autores que pretendem se colocar como defensores do método científico tenham usado expressões ofensivas subjetivas, e cometido tantas falhas e omissões simplesmente porque se limitaram a reproduzir a publicação de outros autores, sendo alguns claramente detratores de Steiner e da antroposofia, sem ter o cuidado de fazer a sua própria pesquisa, utilizando para isso as obras antroposóficas originais de Steiner, muitas delas publicadas em português e quase todas em inglês. Eles citaram textos que, claramente, não leram, como o que foi exemplificado no fim do item 2.11 e que resultou na injusta acusação de que Steiner era genocida.

10.3 Por quê?

Impressiona o número de 42 linhas com críticas diferentes ditadas na tabela acima, críticas ainda repetidas várias vezes, a Rudolf Steiner, à antroposofia e a algumas das suas aplicações. Naturalmente surge a pergunta: por que os autores têm tantas objeções, sendo, como foi mostrado, todas infundadas? Pode-se fazer algumas conjecturas.

10.3.1 Falta de conhecimento básico da biografia de Steiner e da antroposofia. Isso ficou muito claro quando eles mencionam a constituição suprassensível do ser humano (itens 6.1 e 8.3), ponto absolutamente fundamental para qualquer compreensão da antroposofia. Se conhecessem a obra de Steiner, as citações dele dariam o número GA, que é a referência universal às suas obras. Além disso, os autores claramente ignoram as traduções e o farto material em português, por exemplo no *site* da Sociedade Antroposófica no Brasil (sab.org.br). Eles usaram apenas textos em inglês que, como foi mostrado no item 2.11, podem conter traduções que não são muito fiéis ao original em alemão.

10.3.2 Há, assim, algo mais profundo na motivação dos autores. Uma possível conjectura é a seguinte. Os autores aparentemente são materialistas, e a antroposofia é espiritualista. Materialista é a pessoa que só pensa em matéria e fenômenos físicos, e não admite nada que não seja físico. Ao contrário, um espiritualista admite tudo o que é físico, mas admite (idealmente, como hipótese de trabalho) que há fenômenos que não podem ser reduzidos a fenômenos físicos. Em particular, um verdadeiro espiritualismo reconhece que há um espírito, um Eu no ser humano (cf. os itens 4.6, 6.1, 8.3), que está em desenvolvimento e que merece respeito. Portanto, um verdadeiro espiritualista respeita todos os seres humanos e suas ideias. Mas isso não ocorre com os materialistas. A matéria não suscita respeito, a não ser na medida em que ela é necessária para a sobrevivência do ser humano. Não se pode ter compaixão por um objeto material, por exemplo, ter dó de desligar um computador, o que seria uma aberração psicológica. Só se pode ter compaixão por um ser vivo, especialmente os animais e seres humanos, pois ambos podem ter dor e sofrer. Mas do ponto de vista materialista, eles são só matéria. Desse ponto de vista, dor e sofrimento não têm explicação.

É também muito comum que materialistas tenham preconceitos contra tudo o que se refere a algo não físico, recusando-se a examinar com cuidado qualquer explicação que não seja puramente física. Uma das consequências desses preconceitos é a ridicularização do espiritualismo, muito comum nos meios e publicações materialistas.

Em especial, o materialismo tem necessariamente que negar o livre arbítrio, pois da matéria não pode advir liberdade, já que ela é sujeita inexoravelmente às 'leis' e condições materiais. Se não fosse assim, as máquinas não poderiam ser projetadas e construídas, e não serviriam para nada, e as construções civis ruiriam. Ora, qualquer pessoa pode vivenciar que é capaz de concentrar o seu pensar, determinando o seu próximo pensamento. Isso significa livre-arbítrio, a liberdade de decidir (daí o 'arbítrio') o que vai se pensar em seguida. Se não fosse assim, esta resenha não teria sido pensada e escrita. É interessante salientar aqui que essa é uma conquista relativamente recente da humanidade. Por exemplo, os antigos gregos não tinham a sensação de produzirem seus próprios pensamentos, por isso Homero começa a Ilíada e a

Odisseia agradecendo as musas (divindades femininas, portanto criadoras) que o inspiraram.

10.3.3 Acontece que o materialismo não se sustenta. Por exemplo, a ciência materialista jamais vai saber o que é uma partícula atômica em seu estado natural, pois para isso seria necessário irradiar energia a ela e retirar energia dela, mas o mínimo quantum de energia que se insere ou se retira de uma partícula atômica muda totalmente seu estado. Ora, não se sabendo o que é uma partícula atômica, não se sabe o que é um átomo. Por exemplo, um elétron não é uma bolinha e não gira em torno do núcleo, que foi o modelo planetário de Rutherford (1871-1937), de 1909, logo provado inviável. A mecânica quântica, que prevê com muita precisão resultados de experimentos feitos com instrumentos (portanto, não usa os átomos e partículas em seu estado natural), mas apenas para átomos muito simples, tem elementos incompreensíveis. Como é possível compreender uma onda de probabilidades, se probabilidade é um conceito matemático?

Não se sabendo o que é um átomo não se sabe o que é a matéria em sua constituição mais elementar. Por isso o autor destas linhas formulou uma de suas 'leis' da seguinte maneira: "Materialista ou fisicalista é uma pessoa que vive e trabalha num prédio que não tem o andar térreo."[96]. Mas não é só o átomo que jamais será compreendido fisicamente, mas também a origem da matéria e da energia do universo; a teoria do Big Bang diz que ele foi uma descontinuidade no espaço-tempo, mas essa é uma teoria matemática. Desde quando uma teoria matemática é uma realidade física? Da maneira como trabalha a física, há fórmulas matemáticas cujas variáveis representam medidas quantitativas feitas por instrumentos, sempre aproximadas (exatidão existe apenas na matemática, e em máquinas deterministas como os computadores, a menos de possíveis erros). Mas não é só o início do universo que é e sempre será incompreensível fisicamente. Supondo a teoria da expansão do universo, ele deve ter limites. O que há além desses limites? O nada? O que é o nada? Até onde ele vai?

Finalmente, há outras grandes incógnitas na ciência convencional.

1. O que é o pensamento?
2. Como é produzida a representação mental (imagem interior) de algo visto?
3. O que são as sensações e os sentimentos?
4. O que é a memória? (Não se sabe nem mesmo como e onde está armazenada, e como é usada a seguinte simples representação do numeral dois: 2.)
5. Por que as mãos humanas crescem mantendo uma alta simetria? Não adianta dizer que a forma está no DNA; é preciso dizer porque e como a simetria é preservada na divisão celular, que causa o crescimento, e na morte das células, apesar de cada mão crescer independentemente

[96] Setzer, V.W. "Leis e aforismos de Setzer". Acesso em 28/8/23: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/jokes/leis.html

da outra, inclusive sendo, normalmente, uma mais usada do que a outra. Ademais, as células são muito imprecisas, um crescimento sem algum controle externo não levaria a uma simetria tão precisa.

6. O que é o sono? O que são os sonhos?
7. O que são a consciência e a autoconsciência? (Considerados problemas *hard*, difíceis, da ciência.)
8. O que é um conceito? (O autor desta resenha escreveu um artigo mostrando que os conceitos não podem estar armazenados no cérebro[97].)

10.3.4 O item anterior foi exposto com certo detalhe para mostrar as limitações atuais e permanentes da ciência, pois há uma outra possível razão para as 42 linhas de críticas mencionadas: os autores do livro creem piamente na ciência convencional materialista, uma mentalidade cientificista, isto é, ter crença ou fé na ciência (sobre cientificismo, ver [98]). Para eles, só deve ser válido o que é um fato científico, e o que não é conhecido hoje cientificamente será conhecido no futuro. Para essa concepção, certamente não há limites para o conhecimento científico. A esse respeito, vale a pena lançar aqui um desafio. Não se conhece o código usado pelo cérebro; pois o autor desta resenha tem uma conjectura muito forte: esse código não existe, isto é, jamais se poderá descarregar a memória de uma pessoa em um computador, ou carregar algo armazenado nele para a memória humana.

Tudo isso abre caminho para explicações espiritualistas conceituais que não conflitam com o conhecimento da ciência convencional. Elas foram dadas por Rudolf Steiner. Mas para se as compreender, é necessário ampliar o pensar materialista, fisicalista, voltado exclusivamente para o mundo físico[99]. Talvez os autores do livro têm justamente dificuldade em pensar de maneira transcendente ao mundo físico, por isso acham que a antroposofia (e, certamente, qualquer espiritualismo) é uma "`bobagem`".

10.3.5 Já que o livre arbítrio foi citado, é importante mencionar que Steiner indicou o que é o progresso moral do ser humano: desenvolver o livre arbítrio e daí o amor altruísta. Por isso, ao contrário do que os autores do livro acham, ele pode ser considerado um grande defensor da liberdade e do humanismo, imagem oposta da que foi feita no capítulo aqui analisado.

11. Considerações finais

Os ataques à antroposofia já são coisa antiga na Europa, especialmente na Alemanha, na França e na Suíça. O próprio Steiner referiu-se a pessoas que tinham essa atitude durante a vida dele, naquela época principalmente

---

[97] Setzer, V.W. "Conceitos e o cérebro". Acesso em 28/8/23: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/conceito-cerebro.pdf

[98] Setzer, V.W. "O computador como instrumento do cientificismo". *Anais do Simpósio Anual da Academia de Ciências do Estado de São Paulo*. São Paulo: ACIESP, 1976, pp.69-88. Acesso em 3/11/23: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/comp-cient.html

[99] Setzer, V.W. "Consequências do materialismo." Acesso em 5/9/23: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/conseqs-materialismo.pdf

representantes de certas religiões. Mais recentemente, o movimento contra Steiner e a antroposofia recrudesceu na Europa, mas nunca tinha atingido o Brasil, talvez porque aqui o movimento antroposófico era relativamente pequeno e desconhecido, de modo que não incomodava as pessoas e instituições que viam suas ideias e interesses confrontados pela maneira de pensar e de agir dos antropósofos. Vejamos inicialmente um relato da situação na Europa.

11.1 Difamações na Alemanha

Em artigo já citado no item 2.9[100] Wolfgang G. Voegele descreve, no final do seu texto sobre o atentado sofrido por Steiner em 1922, a difamação atual da antroposofia na Alemanha, aqui apresentada em forma bilíngue com tradução livre, para que não haja dúvida quanto à fidelidade dessa última.

1922. Attentat auf Rudolf Steiner? Wolfgang G. Voegele 14.06.22	**O atentado de 1922 contra Rudolf Steiner**
[…] **Totschläger gestern und heute**	[…] **Homicidas de ontem e de hoje?**
Seit 2020, so der Befund des Mediziners Peter Selg, habe unsere Gesellschaft immer mehr ihre freiheitlichen Grundüberzeugungen verloren und es drohe ein neuer Totalitarismus.[53] [notas do original]	Desde 2020, segundo as observações do médico Peter Selg[101], nossa sociedade vem perdendo cada vez mais as suas convicções liberais fundamentais e há a ameaça de um novo totalitarismo.
2021 wurde in über 80 Beiträgen in deutschen Medien über Anthroposophie berichtet, teils kontrovers, zumeist aber diffamierend. Im Kern ging es um die scheinbare Wissenschafts-skepsis der Anthroposophie sowie deren angebliche Menschen- und Staatsfeindlichkeit. Die relativ kleine Gruppe der Anthroposophen wurde zum Sündenbock für die rasche Verbreitung der Pandemie gemacht. Seitdem hat sich in der medialen Öffentlichkeit eine anti-anthroposophische Haltung stabilisier.	Em 2021, mais de 80 artigos nos meios de comunicação social alemães fizeram relatos sobre a antroposofia, alguns deles polêmicos, mas a maioria era difamatória. No centro da questão estava o aparente ceticismo que a antroposofia desperta em relação à ciência, bem como a sua alegada hostilidade para com os seres humanos e o Estado. O grupo relativamente pequeno de antropósofos tornou-se o bode expiatório da rápida propagação da pandemia. Desde então, estabilizou-se uma atitude anti-antroposófica nos meios públicos de comunicação.
Internet-Trolle und einflussreiche Blogger verbreiten „das Zerrbild	Geradores automáticos de conteúdo da internet e blogueiros influentes

[100] Ver na nota 27 a referência em alemão.

[101] Peter Selg é membro da direção da Sociedade Antroposófica Geral no Goetheanum, Dornach, Suíça.

einer wissenschaftsfeindlichen und rassistisch-rechten, beinahe psychopathologisch verdächtigten Anthroposophie-Ideologie.“ Ihnen gehe es "nicht mehr nur um eine an sich wünschenswerte Debatte und um offene Diskurse, sondern um eine regelrechte Vernichtung der Anthroposophie und ihrer Lebensfelder.“ Anthroposophen „gelten nicht mehr nur als harmlos naiv, sondern neuerdings als gefährlich. Waldorfschulen werden zum Hort der Querdenker-Bewegung deklariert, unterstützt von maskenbefreiungswilligen Ärzten. Es gebe die klare Absicht, Homöopathie und Waldorfschulen, wenn nicht zu verbieten, so doch von allen öffentlichen Finanzierungssystemen auszuschließen“[54]	espalham “a imagem distorcida de uma ideologia anticientífica e racista de direita, de uma ideologia antroposófica com suspeição de ser quase psicopatológica.”. Eles “não estão mais interessados em um debate desejável e trocas de ideias sinceras, mas na destruição pura e simples da antroposofia e de seus campos de atuação.”. Os antropósofos “não são mais considerados simplesmente ingênuos inofensivos, mas, recentemente, como sendo perigosos. As escolas Waldorf são declaradas como o refúgio do movimento de pensadores excêntricos, apoiadas por médicos com tendência de liberar o uso de máscaras. Haveria uma clara intenção de proibir a homeopatia e as escolas Waldorf ou, pelo menos, excluí-las de todos os sistemas de financiamento público.”.
Erneut versuchen Medien wie Spiegel TV, die Anthroposophie als Philosophie in die Nähe von Rechtsradikalismus und National-sozialismus zu rücken, Dem-gegenüber betont der ehemalige Europa-Abgeordnete der Grünen, Gerald Häfner: „Anthroposophie und Nationalsozialismus stehen in schroffstem Gegensatz zueinander. Den einen geht es um die Freiheit des Menschen, den anderen um rassistische, totalitäre Herrschaft. Deshalb wurde die Anthroposophie von den Nazis bekämpft und verboten. Wer heute das Gegenteil unterstellt, stellt die Geschichte auf den Kopf und betreibt Hetze!“[57]	De novo a mídia, como a Spiegel TV, tenta colocar a Antroposofia como filosofia próxima do radicalismo de direita e do nacional-socialismo. Em contraposição, o ex-deputado do Partido Verde no parlamento europeu, Gerald Häfner, enfatiza: “A antroposofia e o nacional-socialismo estão em oposição abissal entre si. Uma importa-se com a liberdade humana, o outro com o domínio racista e totalitário. Por isso a antroposofia foi combatida e banida pelos nazistas. Quem hoje insinua o oposto vira a história de cabeça para baixo e promove uma campanha difamatória!”

11.2 Difamações no Brasil

No Brasil, as iniciativas antroposóficas tiveram um grande período de calmaria, sem que houvesse críticas ou difamações substanciais a elas e à antroposofia. As críticas existentes foram e são pontuais (por exemplo, de pais de alguma criança de uma Escola Waldorf com alguma insatisfação), e que obviamente não podem ser generalizadas. Além disso, as iniciativas antroposóficas são realizadas por seres humanos, naturalmente sujeitos a

enganos. Essa situação de calmaria terminou em maio de 2022, com a publicação do artigo de Carlos Orsi citado no item 2.11[102], em que ele chama Steiner, entre outras coisas, de "genocida", acusação totalmente descabida, como ficou demonstrado no item citado. Ainda assim, a repercussão foi relativamente restrita. Mas a publicação do livro de Natália Pasternak e de Orsi citado no item 1 desta resenha, mudou a situação, pois ele se tornou um *best seller*, motivando artigos mencionando o que ele dizia de negativo sobre a antroposofia[103].

Esta resenha espera ter mostrado objetivamente que a difamação produzida por Pasternak e Orsi não tem fundamento. No entanto, ela pode ter as seguintes utilidades:

1. Chamar a atenção para a existência da antroposofia e algumas de suas aplicações práticas.
2. Devido ao tom agressivo do capítulo do livro, inclusive em outros capítulos (já houve fortes reações contra os "Homeopatia" e "Psicanálise e psicomodismos"), pessoas com bom senso podem ficar com a impressão contrária do que desejavam os autores, isto é, que a antroposofia e suas aplicações devem ser algo de bom.
3. Ela motivou o autor destas linhas a escrever esta resenha que, se lida por antropósofos, pode dar-lhes argumentos para rebaterem ideias provindas do capítulo do livro.
4. Se esta resenha for lida por pessoas que desconhecem a antroposofia, elas poderão ter alguma ideia de quem foi Rudolf Steiner e o que são a antroposofia e algumas de suas aplicações. Se elas tiverem interesse em assuntos espirituais, quem sabe com isso passarão a estudar a antroposofia e verificar como ela "merece ser levada a sério".[104]

Se alguns desses pontos positivos se concretizarem, o livro terá tido um efeito muito benéfico.

Agradecimentos

Colaboraram Rogério Calia e Renata Mello com inúmeras sugestões, Ana Paula Cury e, especialmente, Rogério Y. Santos e Sonia A.L. Setzer, que fizeram uma cuidadosa e detalhada revisão, inclusive com muitas sugestões quanto ao conteúdo.

---

[102] Ver nota 30.

[103] Ver um texto comentando um trecho de um artigo publicado na revista Veja: https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antrop/Veja-020823-coments.pdf

[104] Para um estudo inicial da antroposofia, recomenda-se começar com o livro de R. Lanz *Noções Básicas de Antroposofia*, disponível no *site* da Sociedade Antroposófica no Brasil (ver a nota 4), seguindo-se o texto referido na nota 8 e alguns dos livros básicos de Steiner (ver as notas 20, 11, 12, ler nessa ordem). É também recomendável, depois de se adquirir um conhecimento básico, a participação em um grupo de estudos. Para outras informações, consultar o *site* da Sociedade, www.sab.org.br.